

FÁBIO DE SOUZA LUIZ



**REINVENTANDO AS RELAÇÕES ENTRE PESSOAS E LUGARES:
A ESCULTURA DE FITA ADESIVA COMO POSSIBILIDADE EDUCATIVA.**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

FÁBIO DE SOUZA LUIZ

**REINVENTANDO AS RELAÇÕES ENTRE PESSOAS E LUGARES:
A ESCULTURA DE FITA ADESIVA COMO POSSIBILIDADE EDUCATIVA.**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador: Dr. Maurilio Andrade Rocha.

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

LUIZ, Fábio de Souza, 1985.

Reinventando as relações entre pessoas e lugares: A escultura de fita adesiva como possibilidade educativa: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Fábio de Souza Luiz. – 2015.
57 f.: il. + 1 CD.

Orientador: Dr. Maurilio Andrade Rocha

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Ensino de Artes Visuais. 2. Arte/Educação. 3. Escultura de Fita Adesiva – Intervenção Urbana – Ações Efêmeras. 4. Experiência Estética – Estudo e ensino. I. ROCHA, Maurilio Andrade. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



**Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e
Tecnologias Contemporâneas.**

Monografia intitulada – *Reinventando as relações entre pessoas e lugares: A escultura de fita adesiva como possibilidade educativa*, de autoria de Fábio de Souza Luiz, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Maurilio Andrade Rocha – Orientador.

Prof.^a Dra. Mariana de Lima e Muniz.

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha.
Coordenador do CEEAV-TC
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901.

*Aos Educadores com respeito e admiração,
pois me ensinaram que por mais que
achemos que os saberes se consolidaram;
nos enganamos. Pois o conhecimento é
algo em constante mutação.*

AGRADECIMENTOS

Muitas foram as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa. A todos a minha estima e o meu agradecimento.

À minha família por todo o incentivo, dedicação e carinho, durante todo o meu percurso acadêmico, sobretudo, durante meu percurso na Especialização, sabendo compreender as ausências, e nos momentos estressantes promovendo momentos de calma, respiro, concentração.

Ao professor Dr. Maurilio Andrade Rocha, um agradecimento especial pela disponibilidade em prestar toda a orientação e esclarecimentos necessários. Um orientador cooperante que estimulou e permitiu uma evolução pessoal marcante, sabendo compreender os bloqueios criativos e com muita tolerância e ternura me guiando para a concretude deste trabalho de conclusão de curso.

Aos idealizadores, coordenadores, e funcionários do Curso de Especialização de Ensino em Artes Visuais, da Escola de Belas Artes na Universidade Federal de Minas Gerais. A todos os professores e tutores pelo carinho, dedicação e entusiasmo demonstrado ao longo do curso.

As aulas de *Processos de Criação em Arte e Ensino*, sob a orientação da Artista/ Professora Daniela Maura, pelas trocas significativas e onde passei a me embriagar de saberes.

Aos colegas do Polo Confins, pela troca de conhecimentos, vivências e alegria, numa sincera e agradável demonstração de amizade e solidariedade.

Aos Amigos que construíram uma troca significativa de saberes. Ao Raniel pela parceria e aprendizado construído e os alunos envolvidos nas oficinas. Aos colegas do polo Irineu Pinheiro, Ticiane Martins, Flávia Abreu, Hyvanildo Leite e Katya Helaine, pelo apoio incondicional em todos os momentos, circunstâncias, tarefas, nossas agradáveis conversas nos intervalos, nas caronas para BH, em fim, vocês ocupam um lugar significativo em meu coração.

E, finalmente, não por ser de menos valia, mas pelo fator de maior importância, DEUS. Pela oportunidade e pelo privilégio que me foi dado em vivenciar tamanha experiência ao frequentar este curso, e poder perceber e me atentar para a relevância de temas que não faziam parte, em profundidade, do meu cotidiano.

E para que serve a arte? Para começar, podemos dizer que ela provoca, instiga e estimula nossos sentidos, descondicinando-os, isto é, retirando-os de uma ordem preestabelecida e sugerindo ampliadas possibilidades de viver e de se organizar no mundo.

Katia Canton.

RESUMO

O presente trabalho tem como propósito apresentar uma possibilidade educativa ao se considerar o ensino da técnica de Escultura de Fita Adesiva no Ensino de Arte. A partir de obras de arte urbana atuais, o presente estudo estabelece conexões entre os conceitos que circundam a Produção Artística, Espaço, Lugar, Corpo e Arte/Educação. Outro fator existente se pauta em um estudo de caso demonstrando a relevância das Esculturas de fita Adesiva no contexto de oficinas de Intervenção Artística no Programa Escola Integrada da cidade de Belo Horizonte. A pesquisa busca apresentar subsídios e argumentos de pensadores de Arte/Ensino, de modo a vir contribuir para futuras pesquisas entorno do assunto objetivando se discutir se estas ações promovem a aproximação do repertório sociocultural dos alunos com os conteúdos formais das Artes Visuais. O estudo ainda apresenta além de distintas referências textuais, imagens que objetivam a construção do conhecimento.

Palavras-chave: Ensino de Artes Visuais – Intervenção Urbana – Ações Efêmeras – Arte/Educação – Escultura de Fita Adesiva – Experiência Estética.

ABSTRACT

This paper aims to provide an educational opportunity by considering the teaching of Tape Sculpture technique in the Art Education. From contemporary works urban art, this study establishes connections between the concepts surrounding the Artistic Production, Space, Place, Body and Art / Education. Other existing factor is guided in a case study demonstrating the relevance of Adhesive tape sculptures in the context of Artistic Intervention workshops on Programa Escola Integrada, in the city of Belo Horizonte/ MG. The research aims to present subsidies and arguments of Art / Education thinkers, in order to come contribute to future research around the subject aiming to discuss whether these actions promote the approach of socio-cultural repertoire of the students with the formal contents of the Visual Arts. The study also presents distinct textual references, and images aimed at the construction of knowledge.

Keywords: Teaching Visual Arts - Urban Intervention - Ephemeral actions - Art / Education - Tape Sculpture - Aesthetic Experience.

LISTA DE SIGLAS

BH – Belo Horizonte.

CEEAV-TC – Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

CLT – Consolidação das Leis do Trabalho.

EDUCOM – Educomunicação.

MAC-USP – Museu de Arte Contemporânea – Universidade de São Paulo

PBH – Prefeitura de Belo Horizonte

PEB – Parâmetros da Educação Básica.

PEI – Programa Escola Integrada.

RME-BH – Rede Municipal de Ensino – Belo Horizonte.

SMED – Secretaria Municipal de Educação.

TEIA – Territórios, Educação Integral e Cidadania

UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais.

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01 – Ações Efêmeras Grupo PORO	23
FIGURA 02 – Registro da Oficina de Escultura de Fita Adesiva, 2011.....	25
FIGURA 03: Contexto da obra de Mark Jenkins	26
FIGURA 04: Contexto da obra de Mark Jenkins	26
FIGURA 05: Contexto da Oficina de Escultura de Fita Adesiva – Molde da cabeça, 2012	29
FIGURA 06: Contexto da Oficina de Escultura de Fita Adesiva – Molde do pé, 2012	30
FIGURA 07: Contexto da Oficina de Escultura de Fita Adesiva – Molde da perna, 2012	30
FIGURA 08: Contexto da Oficina de Escultura de Fita Adesiva, 2011	31
FIGURA 09: Monitor Raniel produzindo Escultura de Fita Adesiva, 2011	32
FIGURA 10: E. M. Nossa Senhora do Amparo	32
FIGURA 11: Contexto da Oficina de Escultura de Fita Adesiva – Monitor Raniel, 2011	35
FIGURA 12: Contexto da Oficina de Escultura de Fita Adesiva – Monitor Raniel, 2011	35
FIGURA 13: Contexto da Oficina de Escultura de Fita Adesiva – Monitor Raniel, 2011	36
FIGURA 14: Contexto das oficinas no TEIA, 2012	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. – Considerações a respeito do espaço urbano e ações artísticas	
1.1 – Espaço e Corpo sob o enfoque de experiências em Intervenções urbanas e ações efêmeras.....	14
1.2 – A obra de arte no espaço urbano.....	16
1.3 – O Corpo na Arte: A Representatividade da figura humana ao longo dos tempos.....	18
2. – A obra do artista Mark Jenkins como ponto de partida para se pensar a obra de arte, o espaço urbano e ensino de arte.	
2.1 – INTRODUÇÃO	21
2.2 – O INÍCIO	21
2.2.1 – Breve panorama da Educação Integral em Belo Horizonte: PEI (Programa Escola Integrada)	21
2.2.2 – Vivência no Programa Escola Integrada	22
2.2.3 – A obra de Mark Jenkins	25
2.2.4 – Procedimentos e materiais para construção das esculturas de fita adesiva	29
2.3 – O MEIO: A Escultura de fita adesiva como um “meio” de se compreender a intervenção artística em um projeto escolar	32
2.3.1 – Contextualização da oficina de Intervenção Artística	32
2.3.2 – A Oficina de Intervenção Artística e a Escultura de fita adesiva	34
2.4 – O FIM? Seminário Internacional de Educação Integral TEIA e o encerramento do acompanhamento da oficina de intervenção artística SMED-BH	36
3. – O Ensino de Artes Visuais e a sua relação com o espaço urbano: Intervenções Artísticas e Ações Efêmeras.	
3.1 – Pensando a Arte/Educação	39
3.2 – Pensando o Ensino de Arte para além dos espaços escolares	42
3.3 – Diálogos com o Espaço: O Espaço urbano como fomentador de experiências na Arte/Educação	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	52
ANEXOS	54

INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa propõe construir uma reflexão da postura do Arte /Educador, da forma que o mesmo se posiciona como mediador de uma ação pedagógica que busque atender a necessidade de repertoriar o aluno com conteúdos em Artes Visuais e promover vivências com qualidade estética.

Como eixo estruturador para a proposta de pesquisa/tema da construção da presente pesquisa, penso nas possibilidades do Ensino de Artes Visuais de cruzar suas fronteiras em direção ao espaço urbano.

Os argumentos apresentados nesta pesquisa buscam traçar as relações entre os conceitos Arte / Arte Urbana / Corpo/ Espaço/ Intervenção Artística e Ações Efêmeras. Neste particular, este estudo busca analisar as possibilidades do uso da cidade como espaço de experimentações e discussões artísticas.

Neste contexto; percebe-se a necessidade de se construir uma reflexão da postura adotada pelo Arte Educador em face dos novos desafios que o ambiente escolar lhe impõe, seja ele pela falta de estrutura e materiais didáticos escassos das instituições de ensino; ou mesmo pela falta de novas abordagens por parte do educador com a finalidade de propiciar uma experiência estética rica aos seus alunos.

O interesse por investigar a postura do Arte Educador no Ensino de Artes visuais parte das minhas inquietações a respeito de como implementar novas práticas de ensino de arte no contexto escolar? Essas linguagens artísticas permitem que o aluno tenha prazer em conhecê-las e vivenciá-las? Como aproximar o conteúdo ministrado com a vivência do aluno?

Neste sentido, trago para apreciação desta pesquisa, minha vivência no Programa Escola Integrada (PEI), da cidade de Belo Horizonte, ao ministrar e acompanhar oficinas de Intervenção Artística, estabelecendo um recorte para a técnica de confecção de Esculturas de Fita Adesiva, técnica esta, elaborada pelo artista americano Mark Jenkins. Dentro dos discursos entorno desta técnica, também serão apresentadas no decorrer desta pesquisa as relações de ações artísticas efêmeras no contexto urbano, ações estas discutidas pelo grupo PORO de BH.

A metodologia utilizada se pautou primeiramente pela pesquisa bibliográfica através da consulta de publicações, em textos jornalísticos, reportagens, relatórios, anotações, periódicos eletrônicos, reflexão crítica do processo de ensino/aprendizagem e o contexto da obra de arte no espaço urbano.

Como referencial teórico, a pesquisa partiu da investigação que teve por pano de fundo um aprofundamento teórico em torno das concepções de arte/educação, interdisciplinaridade e de estudos realizados no âmbito do pensamento crítico e abordagens metodológicas, por autores como: Ana Mae Barbosa e Katia Canton. Estas autoras, e os outros pensadores discutidos neste estudo, propõem reflexões sobre o processo e concepções do ensino de artes, apontando a importância do referido ensino na vida do educando, e propostas que busquem evidenciar novas abordagens metodológicas para o ensino da arte no contexto contemporâneo.

O trabalho se justifica a partir do pressuposto de que a disciplina de Artes é muitas vezes considerada como valor secundário, pouco importante na formação dos educandos e inferior a outras áreas do conhecimento. Portanto, a essência da pesquisa levanta o seguinte questionamento: O ensino da técnica de Escultura de Fita Adesiva no contexto de Intervenção Artística e Ações Efêmeras se legitimam como uma possibilidade educativa a ser adotada no Ensino de Arte? E mais, estas ações promovem a aproximação do repertório sociocultural dos alunos com os conteúdos formais das Artes Visuais?

A pesquisa também de forma processual buscará demonstrar que nós Arte/educadores fazemos o possível para que as aulas ministradas tenham conteúdo, e deste modo, despertem o encantamento e anseio de nossos educandos quando estruturamos os conteúdos formais das Artes Visuais e Arte urbana, de forma a proporcionar uma experiência artística significativa.

Por fim, na tentativa de se compreender uma experiência artística de qualidade, busco no autor John Dewey, que apresenta no tema experiência estética, subsídios para a construção de argumentos da presente pesquisa.

Em seguida o trabalho disponibiliza as referências e os anexos utilizados no decorrer da pesquisa.

1. – Considerações a respeito do espaço urbano e ações artísticas.

1.1 – Espaço e Corpo sob o enfoque de experiências em Intervenções urbanas e ações efêmeras.

Ao se pensar as manifestações culturais contemporâneas, na perspectiva de ações que pensam o espaço, é interessante perceber em primeira instância a definição de Espaço e Corpo, conceitos cujos quais, permearão as reflexões que serão construídas ao longo desta pesquisa.

De acordo com Dicionário de Filosofia Nicola Abbagnano em uma das reflexões a respeito do verbete Espaço, nas contribuições de Aristóteles a respeito do tema, é conveniente ressaltar que:

[...] A primeira concepção é de Espaço como lugar (v.), como posição de um corpo entre outros corpos. Nesse sentido, o Espaço é definido por Aristóteles como "o limite imóvel que abraça um corpo" [...], definição que Aristóteles reconhece idêntica ao conceito platônico que identificava Espaço e matéria [...]. Segundo esse conceito, não haverá Espaço onde não houver objeto material; por isso, a tese principal dessa teoria do Espaço é a inexistência do vazio [...]. (ABBAGNANO, 2007, p. 348)

Seguindo esta linha de pensamento, parece oportuno apresentar os estudos da Professora e Curadora Kátia Canton. Canton (2009) em sua publicação *Espaço e Lugar*, parte integrante da coleção *Temas da Arte Contemporânea* da Martins Fontes, descreve o cenário conceitual que revelam a relação de obra de arte e lugar. Em *Espaço e Lugar* é possível perceber as origens das manifestações da arte urbana. Em seu estudo Canton afirma que:

Nos anos 1960, particularmente nos Estados Unidos, muitos artistas, movidos por um espírito de tempo cada vez mais comprometido com a experimentação, passaram a questionar a institucionalização da arte pelos museus. Na tentativa de transformar o espaço de "fora", em oposição aos espaços institucionais das paredes museológicas, o espaço de "dentro", eles se lançaram à ocupação do espaço externo, que muitas vezes coincidia com o espaço da natureza. (CANTON, 2009, p. 18)

Já ao refletirmos sobre a relação do Corpo, com suas implicações a respeito de sua interação e representatividade, percebemos em ABBAGNANO ao mencionar os estudos de o fisiólogo Kurt Goldstein que:

[...] o Corpo é considerado como experiência viva, vinculado a possibilidades humanas bem determinadas. De maneira análoga, o fisiólogo Kurt Goldstein distinguiu espírito, alma e Corpo, como processos diferentes mas conexos, que ganham significado e relevância somente em sua conexão. Tais processos são, na verdade, comportamentos diferentes do organismo vivo. Em particular, o Corpo é "uma imagem física determinada e multiforme" que se pode descrever como um fenômeno de expressão, como um conjunto de atitudes ou como fenômenos que vão dar em todos os órgãos possíveis. Se o espírito é o ser do organismo, mais precisamente seu ser no mundo, o complexo das atitudes vividas, a alma é o seu ter, isto é, a sua capacidade cognitiva; e o Corpo é o devir, que não temos nem somos, mas que acontece em nós. Esse devir é substancialmente um "debate com o mundo", através do qual o homem acumula suas experiências e forma as suas capacidades. (ABBAGNANO, 2007, p. 213).

Pelo exposto, podemos perceber a relação entre Corpo e Espaço, pois considerando espaço como um lugar onde o corpo exerce suas manifestações, suas experiências, é possível constatar o ponto de partida para se pensar a Intervenção Urbana e Ações Efêmeras.

No que concerne o termo Intervenção Urbana, a Enciclopédia Virtual Itaú Cultural descreve o termo como uma:

[...] prática artística no espaço urbano, a intervenção pode ser considerada uma vertente da arte urbana, ambiental ou pública, direcionada a interferir sobre uma dada situação para promover alguma transformação ou reação, no plano físico, intelectual ou sensorial. Trabalhos de intervenção podem ocorrer em áreas externas ou no interior de edifícios.

[...] Intervenções podem ser ações efêmeras, eventos participativos em espaços abertos, trabalhos que convidam à interação com o público; inserções na paisagem; ocupações de edifícios ou áreas livres, [...]; performances; instalações; vídeos; trabalhos que se valem de estratégias do campo das artes cênicas para criar uma determinada cena, situação ou relação entre as pessoas, ou da comunicação e da publicidade, como panfletos, cartazes, adesivos (stickers), lambe-lambes; interferências em placas de sinalização de trânsito ou materiais publicitários, diretamente, ou apropriação desses códigos para criação de uma outra linguagem; manifestações de arte de rua, como o graffiti [...]. (INTERVENÇÃO, 2015)

Neste contexto, ao se pensar o conceito de Ações Efêmeras podemos perceber através dos trabalhos do Grupo PORO¹, propostas de trabalhos efêmeros em um contexto de Intervenção Urbana. De acordo com o texto de apresentação presente no *site* que concentra as reflexões deste grupo podemos entender que:

¹ O Grupo PORO é uma dupla de artistas formada por Brígida Campbell e Marcelo Terça-Nada! Atua desde 2002 com trabalhos que buscam apontar sutilezas, criar imagens poéticas, trazer à tona aspectos da cidade que se tornam invisíveis pela vida acelerada nos grandes centros urbanos, estabelecer discussões sobre os problemas das cidades, refletir sobre as possibilidades de relação entre os trabalhos em espaço público e os espaços "institucionais", lançar mão de meios de comunicação popular para realizar trabalhos, reivindicar a cidade como espaço para a arte. Disponível em: <http://poro.redezero.org/apresentacao/> Acesso em: 28/10/2015.

Intervenções são quase sempre efêmeras. Duram o tempo de uma panfletagem no centro da cidade ou o tempo de uma folha de ouro cair de uma árvore. Duram o tempo do deslocamento do ritmo cotidiano para um ritmo poético, questionador. É possível re-sensibilizar o espaço urbano?

Uma intervenção pode durar o tempo em que a imagem-provocada ficar na memória de quem a viu. Ou o tempo enquanto as histórias de seus desdobramentos forem contadas. Quantas imagens uma intervenção pode gerar?

Decidimos fazer um site para nossos trabalhos e assim dividir com um número maior de pessoas nossas ações. E fazer com que o momento tão efêmero das intervenções, dure mais, se multiplique.

Acreditamos numa arte que crie relações entre as pessoas. (PORO, 2010).

Seguindo esta linha de reflexão, podemos constatar através de John Dewey em sua publicação *Arte como Experiência*, preceitos que orientam as transformações no sujeito ao vivenciar uma experiência estética, pois:

A arte joga fora os véus que escondem a expressividade das coisas vivenciadas; instiga-nos a sair do marasmo da rotina e permite que nos esqueçamos de nós mesmos, descobrindo-nos no prazer de experimentar o mundo à nossa volta, em suas qualidades e formas variadas. Intercepta todos os matizes de expressividade que se encontram nos objetos e os ordena em uma nova experiência de vida. (DEWEY, 2010, p. 212).

Tal afirmação se consolida através de uma publicação da AIC (Associação Imagem Comunitária) e Oi Futuro, ao mencionar a produção do Grupo PORO. Nesta publicação podemos verificar a relação entre Arte e Espaço Urbano. Segundo esta publicação:

A ocupação da cidade pela arte tem, ainda, outra faceta, que emerge das próprias intervenções que ressignificam o espaço. Para Marcelo Terça-Nada! , tais intervenções fazem com que a gente vislumbre os espaços públicos de maneiras distintas, não definidas apenas por sua funcionalidade. A arte pode levar as pessoas a perceberem esses espaços como lugares de inscrição de sentido, de trocas entre sujeitos e de estabelecimento de laços de convivência. Nessa perspectiva, Marcelo entende a relação entre arte e política como “a possibilidade da poesia no espaço público”. (MATOSINHOS, 2011, p. 74)

1.2 – A obra de arte no espaço urbano.

Para um artista urbano, o que a arte tem de mais divertido e apaixonante está em seu processo de criação, e não em uma peça finalizada. A arte urbana é, em sua essência, uma forma de arte efêmera, em que os trabalhos não são feitos para durar para sempre; sua expectativa de vida é limitada. Na verdade. A melhor arte urbana é aquela que se faz levando em consideração que, ao longo do tempo, ela será degradada e desaparecerá. E já que o artista urbano tem consciência desse fenômeno, pode-se dizer que ele experimenta uma liberdade e uma falta de controle inerentes a seu trabalho, capazes de comunicar o poder e impacto emocional da peça que ele está produzindo. (Schiller, 2015, p. 9).

Partindo deste ponto de vista; o artista urbano está em contato constante com as relações possíveis entre Arte e Rua; onde inseridas no contexto urbano a obra de arte ganha adeptos, além de proporcionar reflexões e questionamentos imediatos e espontâneos. De acordo com Matozinhos (2011):

Suponhamos que uma obra de arte seja instalada num grande museu e também veiculada no centro da cidade. [...] em nossa sociedade, a rua é lugar por onde passam muitas pessoas, que podem ser instigadas a responder a uma imagem.

Em um espaço de visibilidade ampliada, a multiplicação dos olhares sobre uma obra possibilita distintas interpretações e fomenta o diálogo. Novos sentidos são acionados a partir do contato entre a intervenção artística e os espectadores, e é nesse sentido que formas mais ou menos ampliadas de exposição conferem à arte distintas possibilidades de intervenção na sociedade e, por conseguinte, nos debates em curso. (MATOSINHOS, 2011, p. 74)

Por ser mais acessível aos transeuntes e participar ativamente do cotidiano social das cidades; as intervenções artísticas/urbanas² colocam em cheque os espaços da cidade dos quais passam a integrar no contexto do tecido urbano. Neste viés, ao transitar pela cidade e estabelecendo uma relação com os conteúdos formais das Artes Visuais, é possível relacionar as manifestações de arte de rua ao conceito de *Site specific Art*.³ Neste contexto, podemos perceber o conceito de *Site specific Art*, através dos estudos propostos pela Gabriela Vaz Pinheiro para seu artigo presente no Dicionário Crítico de Arte da Fundação CÔA em Lisboa. A respeito deste verbete percebemos que:

A Arte Site-specific começou por ser, em meados dos anos 60, uma reação dos artistas às condições de exposição, circulação e acesso das obras de arte inseridas no espaço museológico e galerístico. Está ligada a movimentos como a Land Art e a Environmental Art, mas investiga primordialmente as relações entre a paisagem construída (a arquitetura e as suas dinâmicas sociais), bem como entre as instituições artísticas ou de outra natureza, e a prática artística. Deu início ao que viria a chamar-se de Installation Art, e a partir dos anos 80, também deu origem a movimentos que vieram a evoluir no sentido da sua plena intervenção no espaço, entretanto genericamente designado por Public Art. Embora formas contemporâneas de arte que respondem ao lugar para onde é realizada tendam a optar pela efemeridade, a arte site-specific foi inicialmente produzida segundo uma natureza (mais ou menos) permanente. De forma lata diz-se da arte site-specific que é realizada em função de um determinado sítio e que têm em conta as características físicas e as dinâmicas sociais do mesmo. (PINHEIRO, s/d – periódico eletrônico).

² Intervenções artísticas/urbanas como um conceito para nortear as produções artísticas apresentadas no espaço urbano.

³ Site specific Art. como um conceito que ajudar a entender suas próprias ações didáticas. Como uma contaminação do pensamento. (Comentário do Orientador).

Ao considerarmos que a intervenção no espaço e o conceito de *Site Specific Art* estão intimamente interligados, podemos pressupor que cada intervenção artística/urbana é pensada para um determinado local; neste contexto, desde uma obra utilizando-se da expressão artística do *Graffite*, que foi pensado para uma coluna estrutural de um viaduto, ou um *Stencil*, executado em uma fachada de um prédio abandonado, ou mesmo uma panfletagem de uma poesia em meio ao horário de pico em um corredor movimentado da cidade, são ações potentes, e que legitimam a obra de arte no espaço. Sob tal enfoque, percebe-se o quão valioso e rico são estes locais entranhados no espaço urbano, dos quais, são permeados por saberes e cultura local.

De acordo com Canton (2009), no que se refere à presença da obra de arte no espaço público, percebe-se na entrevista de Sérgio Leal⁴ à curadora, a motivação essencial para a produção de arte em meio ao espaço urbano. De acordo com Sérgio Leal entende-se que; “[...] O espaço público das cidades é muito mal usado, é como se o espaço público fosse o espaço de ninguém, todos acabam descuidando, jogando lixo na rua. É como se esses artistas estivessem gritando contra essa situação, propondo um resgate do espaço público para si. (CANTON, 2009, p.47)”.

1.3 – O Corpo na Arte: A Representatividade da figura humana ao longo dos tempos.

É o uso do corpo e o uso do mundo que nos permitem criar novas narrativas. Partindo desta linha de pensamento podemos perceber que a representação da figura humana é praticamente o único tema comum presente na construção evolutiva da humanidade.

O corpo humano tem sido um dos temas mais comuns para os artistas. O tema CORPO se apresenta em desdobramentos em representações pictóricas, escultóricas, fotográficas, literárias, no contexto histórico e cultural. Assim, ao longo dos tempos, podemos encontrar vários tipos de representação da figura humana,

⁴ Sérgio Leal é arquiteto e urbanista. Realiza há alguns anos uma pesquisa sobre os grafites da cidade de São Paulo. Disponível em: Depoimento sobre “a exploração do grafite” a partir dos anos 2000 em entrevista a Kátia Canton. CANTON. Kátia. Espaço e lugar. Martins Fontes. 2009. P. 45-50.

desde as esculturas de pedra da antiguidade, até os grafites realizados dos muros das grandes cidades atuais.

Ao considerarmos o caráter cognitivo relacionado ao tema CORPO, podemos observar no Glossário presente nos Parâmetros da Educação Básica (PEB) do estado de Pernambuco, onde o verbete Cognição nos diz: “[...] O conhecimento é construído pelo corpo de maneira integral e pressupõe vários componentes, tais como a intuição, o raciocínio, as sensações, as memórias, os sentimentos, enfim, todos os componentes humanos”. (PEB – Pernambuco, s/d, p. 43).

Apesar de o corpo humano ser um tema constante na arte, é sempre um grande desafio para os artistas expressar gestos e as emoções das pessoas através de suas obras. Através da publicação *Intervalo, Respiro, Pequenos deslocamentos: Ações poéticas do Poro, 2011*, ao se discutir a *dimensão ética* envolvidas na presença e representatividade do Corpo, percebemos que, “[...] Os corpos são dados na sua potencialidade, e não na sua obrigação moral. Ao contrário: há um plano de fruição aberta, que não é o da apropriação individual. Você leva “para casa” o quê? Sensações e mudanças nos seus afetos”. (CAMPBELL, 2011, p. 161).

Sob tal enfoque, podemos considerar que é no corpo que se inscreve a história humana, seus modos de fazer e sentir, sua humanidade concreta, de sonhos e desejos, de trabalho e invenção, como a representação de si mesmo dentro da cultura. Aspecto este, que na ocasião desta pesquisa discute a representação do corpo por meio de esculturas de fitas adesivas no contexto da arte urbana e ações efêmeras.

O corpo humano não é só isso, no entanto, mais que o alicerce do homem, é a figura central na representação de si mesmo dentro da cultura. Um lugar, portanto, ideal para se conhecer a si mesmo, e mais profundamente, se guiado pela sensibilidade da arte. “No emaranhado disperso da vida cotidiana, afinal, procuramos o eu através do outro, rastreamos nossas histórias e abrimos nossos diários íntimos na tentativa de nos oferecer verdadeiramente para o mundo. É essa troca genuína de memórias e de sentidos que buscam os artistas [...]”. (CANTON, 2009, p.35).

Considerando o Corpo como um receptáculo da memória histórica da cidade, memórias estas, que além de estarem enraizadas nas construções e lugares da cidade; são percebidas nas formas em que as intervenções artísticas/ urbanas se manifestam nos espaços da cidade. Desvendar os segredos da cidade cria situações que requerem uma atenção para as relações de pertencimento e para as formas que cada um se reconhece no contexto urbano.

2. – A obra do artista *Mark Jenkins* como ponto de partida para se pensar a obra de arte, o espaço urbano e ensino de arte.

2.1 – INTRODUÇÃO

Descrever uma experiência vivenciada há mais de três anos coloca tal experiência sob uma análise do contexto atual em que me encontro. Um momento que é fruto de uma busca pela compreensão teórica e reflexiva das relações entre o Ensino de Artes Visuais e o Espaço Urbano, sob a ótica de uma pesquisa de especialização em Ensino de Arte Visuais e questionamentos oriundos da prática docente. Neste exercício de rememorar uma experiência significativa em ensino de arte, busco estabelecer conexões entre a realidade vivida e as ideias de pensadores da Arte/Arte Urbana e Arte/Educação.

De forma processual, busco, através da experiência registrada na memória e em registros (anotações, fotografias, documentos), construir significados e estabelecer relações entre o objeto artístico/ espaço urbano/ ensino de arte.

2.2 – O INÍCIO:

2.2.1 – Breve panorama da Educação Integral em Belo Horizonte: PEI (Programa Escola Integrada).

O PEI propõe uma forma de atrelar o espaço escolar às realidades locais. Tal afirmativa se comprova através dos Parâmetros da Oficina de Intervenção Artística, documento este, elaborado em 2012 pela equipe de Educomunicação e Arte da Coordenação Geral do Programa Escola Integrada, em Belo Horizonte. De acordo com os parâmetros, percebemos que:

O Programa Escola Integrada amplia a jornada educativa do Ensino Fundamental para nove horas diárias, com o objetivo de contribuir para a melhoria da aprendizagem dos estudantes. Antes ou depois das aulas regulares, os estudantes participam de uma série de atividades, que incluem acompanhamento pedagógico e oficinas nas áreas de formação pessoal e social, esporte, arte, cultura e lazer.

Tudo acontece em espaços próximos à escola: parques, museus, igrejas e bibliotecas, todos transformados em locais de aprendizagem.

A multiplicidade de educadores envolvidos no programa – professores concursados, estudantes, professores universitários e agentes culturais das comunidades – possibilita um entrelaçamento entre o conhecimento sistematizado (científico, técnico, artístico e cultural) e a diversidade de saberes inscritos na vida ativa dos sujeitos sociais. (PARÂMETROS DA OFICINA DE INTERVENÇÃO ARTÍSTICA, 2012).

Dentro desta perspectiva, o PEI promove reflexões sobre as metodologias de ensino empregadas, do aumento da extensão da jornada educativa dos alunos objetivando uma maior apreensão de conhecimentos, além de ser uma oportunidade de aproximar o conhecimento prévio do aluno e de seu entorno ao construir práticas que busquem evidenciar as noções de apropriação e pertencimento.

Tais transformações geradas a partir da mudança de práticas educativas, de modo a propiciar e consolidar os saberes do aluno institui situações que permitem perpetuar as experiências significativas com todos os agentes participantes dos processos de ensino, pois conforme (COUTO, 2008, p. 47), “[...] O desejo pela transformação, tão peculiar aos artistas e advindo de nossos sentidos, é a chave que temos para abrir nossas janelas e poder olhar o mundo de dentro para fora e de fora para dentro, transformando assim a dinâmica de nossa existência e também das futuras gerações. [...]”. Seguindo esta linha de raciocínio, o PEI cria situações que busca promover uma participação ativa dos membros da comunidade para com a rotina escolar e vice-versa.

2.2.2 – Vivência no Programa Escola Integrada.

Minha ligação com a Educação integral teve início em 2009 quando Ingressei no Programa Escola Integrada como bolsista do curso de Licenciatura (Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas) da UEMG (Universidade do Estado de Minas Gerais / Escola Guignard). Neste contexto, fui responsável pela oficina de Artes do PEI da Escola Municipal Cora Coralina, pertencente a regional Venda Nova na cidade de Belo Horizonte.

No início acreditava que a oficina seria uma ótima oportunidade para por em prática toda minha bagagem teórica adquirida até então na licenciatura, porém, com os desafios do dia-a-dia, comecei a ver que a prática é bem diferente da teoria. A falta de ética profissional de alguns companheiros educadores de oficina, além da falta de materialidade para a promoção do ensino de Arte acarretavam alguns transtornos. Porém, mesmo com os empecilhos, o interesse dos alunos para com as minhas aulas me estimulavam a continuar, e ao continuar, procurava dar o meu melhor; experiência esta que me proporcionou maior desenvoltura e permitiu a construção de novos saberes.

Após esta experiência, no início de Fevereiro do ano de 2011, recebi o convite para atuar junto à Coordenação Geral do PEI na Secretaria Municipal de Educação (SMED), de Belo Horizonte. Na ocasião, atuei como Agente Cultural de Coordenação (com vínculo por CLT), exercendo funções para a equipe, recém-formada, de Educomunicação e Arte que era subdividida em três eixos: Dança e Teatro, Intervenção Artística e Educomunicação (rádio, jornal e vídeo). A Subequipe de Intervenção Artística era composta pela coordenadora geral de Educomunicação e Arte, dois coordenadores de área e treze agentes culturais.

Como Agente Cultural dava suporte e orientação às oficinas de Intervenção Artística/ Urbana na Regional Venda Nova (03 escolas), Regional Pampulha (02 escolas) e Regional Noroeste (01 escola) em BH. Nesse particular, pude perceber que a Oficina de Intervenção Artística/ Urbana do PEI, buscava criar um diálogo da escola com a comunidade de seu entorno; se utilizando como mecanismo de comunicação as expressões do Graffite e tendências contemporâneas de Arte de Rua, da instalação artística, do conceito de *Site specific Art*, e ações efêmeras como, por exemplo, as promovidas pelo Grupo PORO de BH.



FIGURA 01 – Ações Efêmeras Grupo PORO: Azulejos de papel. 2009 – Ruas de Belo Horizonte (Montagem) Imagem disponível: http://educativoemathos.blogspot.com.br/2009_06_01_archive.html

Nos processos de pesquisa de materiais, de procedimentos artísticos, da exploração de suportes variados e de referências de artistas, conteúdos estes, aglutinados em parceria com a equipe de EDUCOM e ARTE⁵, também auxiliava na disseminação destes saberes ao desenvolver projetos que buscassem auxiliar o monitor de cada

⁵ Abreviação do termo Educomunicação e Arte. Forma de tratamento entre os Agentes Culturais de Coordenação para com a Coordenação Geral do PEI.

escola que acompanhava a desenvolver ações educativas no campo das artes visuais. Neste contexto, criava-se a oportunidade de propiciar ao educando uma construção de conhecimento artístico mais interativo e significativo.

Dentro desta perspectiva pôde-se constatar que muitos monitores não possuíam preparo para estarem no lugar que se encontravam. Para suprir essa deficiência, a equipe de coordenação buscava estratégias constantemente, refletidas nas ações, nas metodologias levadas aos monitores, nas formações, na divulgação e participação em eventos. Essas estratégias eram renovadas e acrescidas de outras constantemente.

Havia um estudo teórico muito intenso, na busca de se compreender a Intervenção Artística, com revezamento de apresentações de pesquisas sobre artistas nas reuniões, formulação de documentos de apoio como os Parâmetros da Oficina de Intervenção Artística, lista com sugestão de materiais (pois alguns monitores sequer sabiam com que tipo de material deveria trabalhar), sugestão de organização de oficina, entre outros.

De acordo com os princípios da Oficina de Intervenção Artística presente nos Parâmetros elaborados pela Equipe Educomunicação e Arte da coordenação geral do PEI podemos perceber a seriedade que o tema era tratado. De acordo com este documento:

A oficina de Intervenção Artística vem propiciar a interlocução do conjunto de ações artísticas educativas do PEI – Programa Escola Integrada. É ofertada e coordenada diretamente pelo PEI/SMED-PBH, através da Equipe de Educomunicação e Arte, a partir da proposta pedagógica de comunidade e cidade educadora. A oficina busca, por meio da arte/educação, construir e estimular a vivência, o diálogo e a produção artística (procedimentos técnicos e conceituais das artes visuais) com os envolvidos na escola e na comunidade. Desse modo, será exercitada a sensibilidade visual e crítica dos alunos sobre as produções diversas da comunidade e da cidade. Enfim, pretendemos que, durante o processo de ensino e em cada produção, o aluno seja o protagonista, tendo sua atuação mediada pelos conhecimentos e pesquisas do interventor. (Parâmetros da Oficina de Intervenção Artística. Educomunicação e Arte. Programa Escola Integrada. Belo Horizonte. 2012).

No contexto dos acompanhamentos, era feito um relatório de cada visita e posteriormente o relatório semanal ou mensal de cada escola, apontando as deficiências, os destaques positivos e negativos, os trabalhos desenvolvidos, tudo para ter uma visão total sobre a Intervenção Artística no Programa e para direcionar aos casos de maior dificuldade, que exigiam atenção especial.

Ainda convém mencionar que durante uma preparação de uma Formação para Monitores e Bolsistas das oficinas de Intervenção Artística junto à equipe de coordenação da presente oficina, encontramos pela internet trabalhos em escultura confeccionados com fita adesiva, trabalhos estes do artista urbano Mark Jenkins. A técnica proposta por Jenkins foi introduzida na Formação SONHOS, para monitores e bolsistas da oficina de Intervenção Artística do PEI / BH.



FIGURA 02 – Registro da Oficina de Escultura de Fita Adesiva, 2011.
Formação SONHOS EDUCOM e ARTE, PEI – SMED/BH.
Arquivo pessoal (Montagem) – Foto: Fábio Souza.

2.2.3 – A obra de Mark Jenkins⁶.

O artista Mark Jenkins desenvolve um trabalho bem interessante ao criar a técnica de *Tape-Sculpture*⁷, esculturas utilizando fita adesiva como elemento principal para a construção das Intervenções Artísticas. Desenvolveu sua técnica a mais de dez anos ao observar o processo de criação de brasileiros criando arte nas ruas, além de uma necessidade pessoal de produzir obras que dialogassem com o espaço urbano utilizando de um artifício simples, de fácil aquisição e transporte.

⁶ Mark Jenkins nasceu em Fairfax, Virgínia, em 1970. É um artista americano conhecido por seus trabalhos no estilo arte urbana, especialmente em fita adesiva. Jenkins é conhecido por usar as ruas como um “palco” para suas obras, uma vez que a instalação quase sempre acaba convertendo-se em uma performance, com a interação (muitas vezes assustada) dos transeuntes. O artista já teve suas obras publicadas em grandes jornais e revistas como *Time Out* e *The Washington Post*, *Daily Mail*, *The Independent*, no livro *Hidden Track: How Visual Culture is Going Places* e no *Wooster Collective*, um blog especializado em arte urbana. Dado bibliográfico disponível em: <http://www.mercadoarte.com.br/blog/mark-jenkins/> - Acesso em 25/10/2015 – 18:41.

⁷ Ao criar a técnica e projeto *Tape-Sculpture* (Escultura de Fita Adesiva), JENKINS ministra workshops com o objetivo de difundir seu procedimento, além de manter um site onde incentiva a todos que tenham o interesse de produzir intervenções nesta modalidade, postem suas criações no site <http://www.tapesculpture.org/index.html>.

Para isto, o artista utiliza como molde seu próprio corpo, ou de modelos vivos e objetos, de modo a criar situações inusitadas na cidade que propiciam a interação direta do espectador com a obra e seu entorno, seja causando sensações de estranhamento ou admiração. Em entrevista ao jornal Britânico *Daily Mail*⁸ em 2012 o artista urbano comenta suas intenções ao produzir as esculturas de fita adesiva. De acordo com o artigo Jenkins comenta:

Eu gosto de levar as pessoas a questionar seus arredores, o que é real e o que não é. Atualmente, as pessoas estão tão focadas em seus telefones, e eu só queria levá-los a olhar para cima. Assim, no início, eu estava coletando dados sociais sobre as reações das pessoas. Mas [...] anos depois, essas imagens são mais sobre poesia, de se capturar um momento mágico. (JENKINS, 2012).

Devido a suas propostas artísticas de ordem questionadora, Mark Jenkins já está sendo classificado como o primeiro artista de rua a fazer intervenções urbanas em formato tridimensional.



FIGURA 03 e 04: Contexto da obra de Mark Jenkins, Washington, DC, s/d.
Foto disponível em: <http://www.xmarkjenkinsx.com/outside.html>

Alguns artistas e estudiosos de Intervenções Urbanas, já o consideram como o “novo *BANKSY*”⁹, pelo caráter satírico de algumas obras, mas comparações à parte,

⁸ Entrevista extraída do artigo original “*Don't call 911! The terrifying life-like sculptures bringing panic to the streets*”.

⁹ *BANKSY* é um “grafiteiro”, pintor, ativista político e diretor de cinema britânico, é conhecido mundialmente por espalhar obras de arte irreverentes nas ruas, que modificaram concepções,

Mark Jenkins quer mesmo é tirar as pessoas do marasmo, da rotina meio zumbi que é cultivada nas cidades grandes. Este artista urbano realiza intervenções artísticas que transcendem a ideia de vandalismo, pois, não mancham, não marcam o espaço público, muito pelo contrário, proporcionam aos transeuntes “algo” que muda o seu cotidiano. Suas esculturas de fita adesiva provocam no fluxo urbano reflexões que colocam em questão o próprio corpo humano e as relações interpessoais.

A arte urbana tem a capacidade de chamar a atenção pela sua singularidade, mas as criações de Mark Jenkins fazem-nos parar, olhar e ver. Ao criar suas obras, este artista busca criar cenas que levem os transeuntes a refletir sobre questões ou situação em voga do cotidiano seja por meio de notícias disseminadas na mídia ou ressignificando e potencializando ações comuns por meio de deslocamentos. A forma em que JENKINS elabora e instala a sua obra no contexto urbano se justifica, pois se entrelaçam com a rotina de todos que transitam pelos espaços.

Em outras palavras, percebemos em Kátia Canton, ao analisar a produção de quatro artistas que propõem obras em diálogo com a cidade, argumentos que também se relacionam as produções de JENKINS, que ao propor suas esculturas de fita adesiva em diálogo com os espaços do tecido urbano. Podemos perceber em CANTON:

[...] Que essas obras sejam impregnadas com o imaginário da cidade e de cada um de seus habitantes, [...].
No emaranhado disperso da vida cotidiana, afinal, procuramos o eu através do outro, rastreamos nossas histórias e abrimos nossos diários íntimos na tentativa de nos oferecer verdadeiramente para o mundo. É essa troca genuína de memórias e de sentidos que buscam os artistas contemporâneos. (CANTON, 2009, p.34-35)

Buscar compreender a construção das obras deste artista surgiu da demanda de pensar materiais alternativos para criação de esculturas; da busca de um material de custo relativamente baixo e presente nas escolas; além do fato de pensar uma forma levar uma experiência de construção e desenvolvimento de obras tridimensionais para o contexto da oficina de Intervenção artística. Nesta linha de ações, inserir o discurso e questionamentos do espaço urbano proposto pelo Grupo PORO, uma vez

incitaram à reflexão e alteraram a forma como os “grafites” são vistos hoje em dia. O artista dá cor às ruas com “grafites” de diferentes estilos, instalações, “stickers” e outros gêneros de projetos artísticos, que têm o propósito de elaborar duras e sarcásticas críticas à política, à sociedade em geral e à guerra do mundo contemporâneo. Disponível em: <http://maimagazine.net/banksy-o-artista-desconhecido-mais-conhecido-mundialmente/> - Acesso em 16/11/2015 as 19:41.

que “[...] A cidade é um território fértil para nossas ações. Buscamos estabelecer relações diretas com a cidade e todo seu universo comunicacional e simbólico, ampliando e flexibilizando o significado e o entendimento sobre arte e construindo situações que fogem do uso rotineiro do espaço público.” (CAMPBELL, 2011, p. 07).

Sob tal enfoque, podemos perceber de maneira mais clara os procedimentos que abarcam a produção de JENKINS na publicação *STREET ART Técnicas e materiais para arte urbana* sob a organização Benke Carlsson¹⁰ e Hop Louie¹¹. Nesta publicação podemos conferir uma entrevista do artista ao revelar os procedimentos e motivações artísticas.

De acordo com Carlsson (2015), ao investigar como o artista teve a ideia de produzir esculturas com a fita adesiva, em entrevista, Mark Jenkins afirma que:

Quando eu era criança, peguei emprestada uma fita adesiva que estava sobre a mesa do professor e fiquei brincando com ela. Acabei descobrindo que, se fosse usada no sentido inverso, a fita era capaz de fazer o molde de uma superfície sem aderir a ela. Acho que a força do meio está no fato de se tratar de um processo a seco. Com uma fita adesiva, posso fazer o molde de um parquímetro in loco, amassá-lo, colocá-lo em minha mochila e, em seguida, ao chegar em casa, preenchê-lo com jornal e trazê-lo de volta à vida. Não consigo pensar em outro meio que ofereça essa possibilidade. (CARLSSON, 2015, p. 114)

Carlsson (2015), ao questionar o artista sobre as diferenças entre se produzir obras tridimensionais ao invés de bidimensionais como os grafites, percebemos nos dizeres de Jenkins que: “Com a tridimensionalidade, você cria objetos com presença física, a cidade deixa de ser uma tela e passa a ser um palco. Se você estiver trabalhando com hiper-realismo, o limite entre o palco e a realidade fica nebuloso a ponto de se tornar indistinguível.” (CARLSSON, 2015, p. 114).

As manifestações de arte urbana, como as propostas por JENKINS, fazem inegavelmente parte do arcabouço cultural e artístico das sociedades. A escola, através do ensino de arte, neste caso a oficina de Intervenção Artística/Urbana, se apresenta aos alunos como um veículo de acesso a este patrimônio cultural e artístico de seu entorno, seja em ambientes públicos ou em instituições privadas.

¹⁰ Benke Carlsson é fotógrafo e autor em Estocolmo, na Suécia. (CARLSSON, 2015, p. 143)

¹¹ Hop Louie é um artista urbano sueco que mora no Reino Unido. (CARLSSON, 2015, p. 143)

Assim as Intervenções Artísticas/urbana apresentam-se como um importante recurso para o desenvolvimento do ensino de Artes Visuais, ao mesmo tempo em que promovem o desenvolvimento das práticas culturais dos cidadãos que a elas têm acesso.

2.2.4 – Procedimentos e materiais para construção das esculturas de fita adesiva.

Sobre os procedimentos técnicos e materiais que envolvem a produção das esculturas de fita adesiva, tais informações podem ser encontrados em tutoriais publicados em vídeo pelo próprio artista na internet ou em publicações especializadas referentes ao assunto de arte urbana.

A materialidade necessária para a construção das Esculturas é a fita adesiva, o plástico filme, uma tesoura ou um estilete, e um objeto ou o corpo (ou partes do mesmo), para que se produzam os moldes e posteriormente se crie as esculturas.

A primeira etapa consiste em envolver a superfície que se deseja tirar o molde com o plástico filme. Na ocasião das oficinas, havia situações que não havia a presença do filme plástico. Nestes casos esta etapa era ignorada, ou utilizava-se dos materiais que tínhamos na ocasião como uma sacola plástica ou mesmo uma camisa de uniforme de um dos educandos.



FIGURA 05: Contexto da Oficina de Escultura de Fita Adesiva – Molde da cabeça, 2012.
Na ausência do filme plástico utilizou-se a camisa como proteção e uma camada de fita invertida (com o lado colante para cima) e três camadas de fita adesiva para baixo.
Arquivo pessoal (Montagem) – Foto: Fábio Souza

A segunda etapa consiste em cobrir o objeto ou parte do corpo com duas ou três camadas de fita adesiva. Desta forma cria-se uma película resistente que revela o formato que se deseja. Há a possibilidade de cobrir o objeto ou corpo com a primeira

camada de fita de forma invertida, e as duas ou três posteriores com o lado colante em contato com a primeira camada invertida, desta forma, se obtêm o formato da superfície desejada.



FIGURA 06: Contexto da Oficina de Escultura de Fita Adesiva – Molde do pé, 2012.
Aluno produzindo o molde de um pé em três camadas de fita adesiva para baixo.
Arquivo pessoal – Foto: Fábio Souza

A terceira etapa consiste em remover o objeto ou corpo de dentro do molde. Para isso, utilize uma tesoura ou um estilete e com cuidado faça um corte seguindo toda uma extremidade na camada de fita adesiva liberando a superfície por completo. Ao trabalhar com moldes de partes do corpo, a atenção tem que ser redobrada por esta etapa envolver objetos cortantes.



FIGURA 07: Contexto da Oficina de Escultura de Fita Adesiva – Molde da perna, 2012.
Aluno efetuando um corte com tesoura sem ponta para retirada do molde da perna.
Arquivo pessoal – Foto: Fábio Souza

A quarta e última etapa consiste em unir as partes do molde da superfície removida, para isso, feche o corte usando a própria fita utilizada para se criar o molde. Há a possibilidade de preencher o interior dos moldes com material como jornal, retalhos de tecidos, dentre outras possibilidades, dando à escultura volume e resistência. Na ocasião das oficinas geralmente foi trabalhado apenas o molde, evidenciando e valorizando assim, a transparência do material.

Depois de concluída estas etapas, torna-se possível instalar a obra em algum lugar que busque evidenciar a potencia da escultura, neste sentido, podendo criar assim condições que fomentem reflexões e questionamentos.

Seguindo esta linha de raciocínio, poder perceber as possibilidades educativas implicadas nas Esculturas de Fita Adesiva, se legitimam por propiciar um fruir/apreciar/fazer, como apontado pela *Abordagem Triangular*¹² descrita por Ana Mae Barbosa, se construir um aprendizado artístico não só validados no espaço escolar, mas de se perceber um ensino artístico que atinja um contexto mais amplo da vida dos educandos.



FIGURA 08: Contexto da Oficina de Escultura de Fita Adesiva, 2011.
Alunos interagindo com a escultura produzida e ocupando o espaço escolar.
Arquivo pessoal – Foto: Fábio Souza

De forma mais intensa estive envolvido com este tema, Escultura de Fita Adesiva, aproximadamente por 18 meses em minhas orientações como Agente Cultural,

¹² Elaborada por Ana Mae Barbosa a Abordagem Triangular (também chamada erroneamente de Metodologia Triangular), foi o primeiro programa educativo do gênero, à frente do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo MAC-USP. Hoje ainda é a base da maioria dos programas em arte-educação no Brasil, principalmente depois de ter sido referência nos Parâmetros curriculares nacionais de Arte dos Ensinos Fundamental e Médio brasileiros. A proposta Triangular consiste em três abordagens para se construir conhecimentos em arte: Contextualização histórica (conhecer a sua contextualização histórica); Fazer artístico (fazer arte); Apreciação artística (saber ler uma obra de arte). Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ana_Mae_Barbosa#cite_note- Acesso em 01/11/2015 – 23:27.

trabalhando junto com os monitores que acompanhava e os alunos das oficinas conceitos de uma consciência corporal, formas de ocupar o espaço público artisticamente, além do pensar e fazer artístico.

2.3 – O MEIO:

A Escultura de fita adesiva como um “meio” de se compreender a intervenção artística em um projeto escolar.

2.3.1 – Contextualização da oficina de Intervenção Artística.

Exercendo funções como Agente Cultural de Coordenação, e neste sentido, realizando acompanhamento à oficina de Intervenção Artística do Programa Escola Integrada, tive a oportunidade de acompanhar um Bolsista da UFMG. Visitas e orientações que permitiram uma troca significativa de saberes e de vivências em um contexto de Ensino de Arte e Arte Urbana.

A experiência que descrevo a seguir trata-se do acompanhamento ao Monitor Raniel Felipe Marcelino Bento¹³ (bolsista oriundo da Escola de Design da UFMG), que exerceu funções como monitor de Intervenção Artística para o PEI na Escola Municipal Nossa Senhora do Amparo (escola da Regional Noroeste de BH), no período de 2011 a 2012. A Escola Municipal Nossa Senhora do Amparo está localizada na Rua Hespéria, N°300 no Bairro Parque Riachuelo, Regional Noroeste da cidade de Belo Horizonte.



FIGURA 09: Monitor Raniel produzindo Escultura de Fita Adesiva, 2011.
Arquivo pessoal – Foto: Fábio Souza

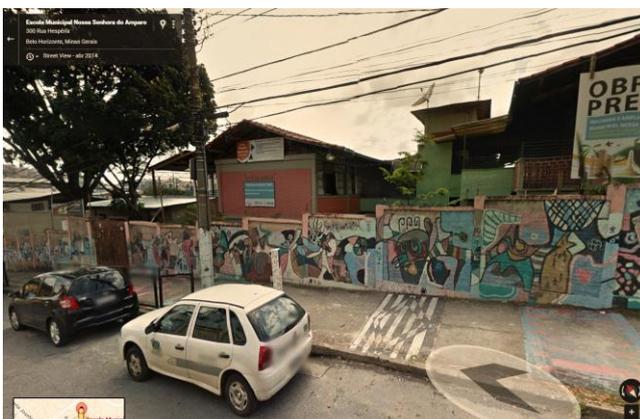


FIGURA 10: E. M. Nossa Senhora do Amparo.
Foto disponível em Google Maps:
[https://www.google.com.br/maps/@-19.8896505,](https://www.google.com.br/maps/@-19.8896505)

¹³ O monitor autorizou a divulgação de seu nome e a utilização dos registros presentes em relatórios de acompanhamento elaborados pelo Agente Cultural de Acompanhamento Fábio Souza do período de 2011 a 2012.

O acompanhamento da oficina de intervenção na Escola citada teve o seu início no dia 14 de Fevereiro de 2011. Na ocasião, acompanhava outro monitor (Rodney, bolsista oriundo da Escola de Design da UFMG), em um período de 15 e 15 dias, pois o mesmo já desempenhava por um bom tempo esta oficina nesta instituição; porém, este monitor obteve uma proposta de trabalho em sua área de graduação e deixou a oficina.

Neste contexto, no dia 18 de Março de 2011, o bolsista Raniel Felipe, assumiu a função de interventor¹⁴ artístico da escola, e no dia 24 de Março de 2011, foi realizado o primeiro acompanhamento com este interventor, ficando estabelecidos acompanhamentos e orientações pelo período de um encontro semanal. Neste primeiro encontro, foram apresentadas as possibilidades de atuação, as intenções que o monitor possuía para a oficina, a relação do interventor para com expressões artísticas de conteúdos formais e informais, além do seu relacionamento para com os alunos.

Na ocasião dos acompanhamentos, o monitor Raniel era estudante de Design da Faculdade de Arquitetura da UFMG, além de possuir experiência em projetos sociais e de ter participado, quando jovem, de projetos artístico-culturais. Se espelhando em suas vivências, o monitor procurava levar a sua experiência como aluno de projeto aos alunos da oficina de intervenção, de modo a promover uma relação mais próxima entre o processo criativo e as vivências de cada aluno. Em relação à oficina, em um primeiro momento, o interventor demonstrava certa insegurança em relação a sua postura para com a oficina e o seu papel como Interventor artístico da instituição. Essa sensação foi substituída por grande empenho e real comprometimento para com as atividades em intervenção.

As propostas nas oficinas em primeira instância se pautaram em propostas que deram continuidade as intervenções artísticas ditadas pelos interventores anteriores. Porém, ao assumir a função de interventor do projeto, o monitor buscou promover um desdobramento destes trabalhos, de forma a não gerar uma quebra no ritmo dos trabalhos, porém buscando dar um passo além do que a escola já possui; além de haver uma maior valorização dos trabalhos e do repertório dos alunos por parte do Raniel e seu incentivo para que os alunos a buscassem formas inusitadas de ocupação dos espaços.

¹⁴ Nomenclatura definida pela equipe de Educomunicação e Arte, atribuída ao Monitor ou Agente cultura da Oficina de Intervenção Artística do PEI.

2.3.2 – A Oficina de Intervenção Artística e a Escultura de fita adesiva.

Após conhecer a proposta de construção de esculturas com fita adesiva durante a formação de Monitores e Bolsistas de Intervenção ofertada pela equipe de coordenação da oficina de Intervenção Artística na SMED, o interventor Raniel demonstrou interesse em desenvolver tal prática com seus alunos.

O período de elaboração, contextualização e construção das esculturas foi de 10 de Outubro a 29 de Novembro do ano de 2011.

A proposta de Intervenção desenvolvida na Escola Municipal Nossa Senhora do Amparo visou estreitar as relações entre “arte escolar” e “Arte”, buscando romper com o estigma de que ensino de arte é uma mera transmissão de técnicas ou como um momento de lazer e livre expressão, para privilegiar o pensamento, o questionamento, a reflexão e o diálogo.

Durante as visitas e o desenvolvimento da proposta buscou-se:

- Compreender a Arte em sua diversidade de linguagens e refletir sobre o processo de criação.
- Reconhecer o objeto artístico e identificar as características que o distinguem das demais produções do homem.
- Exercitar a relação estética e refletir sobre o conceito de arte.
- Perceber a forma que o CORPO ocupa os espaços e as relações possíveis com os mesmos.
- Experimentar e conhecer materiais e procedimentos artísticos diversos no campo das Artes Visuais.
- Valorizar os processos de criação em grupo.
- Aprender, valorizar e preservar manifestações artísticas diversas. Além de pesquisar e saber organizar informações sobre arte.

Diante disso, a proposta buscou resignificar a prática pedagógica convidando o aluno a construir significados e reflexões a respeito dos procedimentos envolvidos na técnica de produção de esculturas de fita adesiva e das relações possíveis de como o CORPO e a produção artística se relaciona com o espaço urbano, a partir de reflexões sobre a produção artísticas/efêmeras do Grupo PORO.

Abordando a temática, CORPO, ESPAÇO URBANO, ARTE EFÊMERA e ESCULTURA DE FITA ADESIVA, a oficina visou promover uma aproximação dos espaços de convívio e os caminhos que levavam os alunos ao espaço onde aconteciam as oficinas. Proporcionando assim, uma maior percepção dos espaços que os cercavam, o que permitiu um maior aproveitamento e apropriação dos mesmos.

A experiência relatada¹⁵ apresentou resultados bem satisfatórios, e houve o envolvimento não só dos alunos, mas de toda a comunidade escolar, além da interação da comunidade de seu entorno.



FIGURA 11: Contexto da Oficina de Escultura de Fita Adesiva – Monitor Raniel, 2011.
Monitor Raniel produzindo com os alunos na Oficina de Intervenção Artística.
Arquivo pessoal (Montagem) – Foto: Fábio Souza

Acompanhei o interventor Raniel do início de 2011 até o fim do primeiro semestre de 2012, quando o mesmo foi convidado a fazer parte da equipe de Agentes Culturais de Acompanhamento do núcleo de Intervenção artística da equipe de Educomunicação e Arte da coordenação geral do PEI/ SMED – BH.



FIGURA 12: Contexto da Oficina de Escultura de Fita Adesiva – Monitor Raniel, 2011.
Ocupação dos espaços escolares pelos alunos na Oficina de Intervenção Artística.
Arquivo pessoal (Montagem) – Foto: Fábio Souza.

¹⁵ Organizados em formato digital (CD de dados), os demais registros referentes a esta ação desenvolvida na Oficina de Intervenção Artística/ PEI da Escola Municipal Nossa Senhora do Amparo com o Monitor Raniel, encontram-se disponíveis no ANEXO desta pesquisa.



FIGURA 13: Contexto da Oficina de Escultura de Fita Adesiva – Monitor Raniel, 2011. Ocupação dos espaços escolares pelos alunos na Oficina de Intervenção Artística. Arquivo pessoal – Foto: Fábio Souza.

2.4 – O FIM?

Seminário Internacional de Educação Integral TEIA e o encerramento do acompanhamento da oficina de intervenção artística SMED-BH.

Sob um ponto de vista atual, posso avaliar toda minha experiência construída até então de maneira madura e mais consciente.

Os saberes construídos durante o período que estive pesquisando de maneira mais intensa os procedimentos e materiais envolvidos na técnica de construção de uma Escultura de Fita Adesiva me propiciaram um convite a participar de uma Roda de Conversa sobre *A Educação Integral e a Presença de novos Educadores* e de ministrar uma Oficina de Escultura e Modelagem com Fita Adesiva dentro das programações do *III Seminário Internacional “Teias de Cidadania” - “A cultura popular tece caminhos para a educação integral”*, Evento este, proposto pelo TEIA (Territórios, Educação Integral e Cidadania)¹⁶.

¹⁶ TEIA - criado em 2008, na Faculdade de Educação da UFMG, busca ser um núcleo de articulação entre várias ações de pesquisa, ensino e extensão no campo da educação integral e cidadania. Dados disponíveis em <http://teiaufmg.com.br/sobre/> - Acesso em 25/10/2015 – 23:16.

O evento aconteceu entre os dias 31 de julho e 03 de agosto de 2012, tiveram seus dias permeados por mesas de diálogo e rodas de conversas com discussões sobre educação integral, a cultura e a sua relação com a educação e com os sujeitos. Neste contexto, houve oficinas com os mais variados temas, oferecidas em espaços da Universidade Federal de Minas Gerais e também em praças de Belo Horizonte.

Na ocasião deste evento, no dia 02 de Agosto de 2012, ministrei a oficina de Escultura e modelagem com Fita Adesiva em duas turmas, uma pela manhã e a outra pela tarde.

A oficina propôs entender o lugar do corpo na construção artística através do trabalho coletivo e da interação da produção artística com o espaço. Durante a oficina além de embasamento teórico demonstrando a relação do CORPO com o ESPAÇO, foram mostradas algumas intervenções realizadas pelo artista Mark Jenkins e ações efêmeras do grupo PORO. Neste particular, buscou-se discutir as intenções artísticas/ poéticas, técnicas de construção e modelagem, além de estimular entre os participantes a preocupação de como se relacionar com o outro, o cuidado que se deve ter ao se produzir esculturas utilizando como molde o corpo do outro, do cuidado ao se manusear este corpo, da forma de sua representação no espaço, e a importância do registro fotográfico para prolongar uma ação efêmera no contexto urbano.

A partir da construção destas reflexões, criou-se um espaço propício à criação e apropriação da técnica artística de forma a produzir sentido e “reviver” espaços internos e do entorno da Faculdade de Educação da UFMG. Como orientação de trabalho, foi sugerido aos grupos que se organizassem a fim de montarem um sujeito com fragmentos de vários outros.

Desta forma, o intuito foi de possibilitar a todos a experiência de participação efetiva no processo de construção de corpos. Nesse trabalho o corpo auxilia na modelagem e a fita adesiva é a ferramenta que materializa o corpo. A oficina é baseada nos procedimentos desenvolvidos pelo artista americano Mark Jenkins, das ações efêmeras do PORO e das minhas reflexões sobre Intervenção artística/urbana até aquele ponto e das possibilidades de ocupação de Espaço geradas através do entendimento da forma que o CORPO ocupa.



FIGURA 14: Contexto das oficinas no TEIA, 2012. Local: Faculdade de Educação (UFMG).
Ocupação dos espaços do entorno da FAE / UFMG..
Arquivo pessoal – Foto: Fábio Souza.

Após esta experiência, continuei por um determinado tempo trabalhando com esta manifestação artística.

Em contrapartida, todo esse trabalho seria ainda mais rico se houvesse o apoio efetivo da Coordenação Geral do Programa Escola Integrada. Essa coordenação deveria estimular a formação continuada dos monitores e bolsistas, além de estabelecer o diálogo crescente com as universidades, de modo a garantir um ganho nos processos educativos. Porém, esse apoio não existiu, pois, durante uma instabilidade política (uma reestruturação da governança da capital mineira), perdeu-se todo o trabalho de qualificação, pesquisa e acompanhamentos, metodologia esta, que fora construída em mais de cinco anos de trajetória da equipe de Educomunicação e Arte.

Além disso, o que nos chama a atenção neste particular, é o fato de ao se alterar o formato da equipe e da rotina de trabalho construída até então, ou seja, retirando toda autonomia dos Agentes de Acompanhamento e promovendo o desmembrando das equipes que eram organizadas por áreas de expressão artística (Artes Visuais/Intervenção Artística/Urbana – Teatro e Dança – Educomunicação), e as reorganizando em bloco único, onde as especificidades de cada vertente artística não era tratada com maior seriedade como era no formato anterior. Neste exposto, o fator político que reestruturou e desvirtuou os procedimentos, foi algo determinante para o desligamento de vários profissionais dessa equipe, fator este, que também contribuiu para o encerramento das minhas atividades na equipe de Acompanhamento das Oficinas de Intervenção Artística do Programa Escola Integrada.

3. – O Ensino de Artes Visuais e a sua relação com o espaço urbano: Intervenções Artísticas e Ações Efêmeras.

3.1 – Pensando a Arte/Educação.

A arte denota um processo de fazer ou criar. [...] A arte envolve moldar a argila, entalhar o mármore, fundir o bronze, aplicar pigmentos, construir edifícios, cantar canções, tocar instrumentos, desempenhar papéis no palco, fazer movimentos rítmicos na dança. Toda arte faz algo com algum material físico, o corpo ou alguma coisa externa a ele, com ou sem o uso de instrumentos intervenientes, e com vistas à produção de algo visível, audível ou tangível. Tão acentuada é a fase ativa ou do "agir" na arte que os dicionários costumam defini-la em termos da ação habilidosa, da habilidade na execução. O *Oxford Dictionary* a ilustra com uma citação de John Stuart Mill: "A arte é o esforço de perfeição na execução", enquanto Matthew Arnold a chama de "habilidade pura e impecável". (DEWEY, 2010, p. 126-127)

A Arte, como disciplina escolar, possibilita o estudo de saberes em arte presentes na cultura, os quais são articulados pela linguagem verbal e não verbal, tendo como objeto específico o conhecimento estético.

De acordo com a arte-educadora Dulce Couto¹⁷, podemos estruturar esta linha de raciocínio também ao perceber que:

"A arte foi a primeira experiência de comunicação humana documentada desde os seus primórdios, essa manifestação, em suas mais variadas formas de apresentação, sempre foi capaz de nos fazer expressar diferentes maneiras de sentir o mundo ao longo dos tempos, de romper com padrões e de interpretá-lo, tendo em vista a busca de uma possível inclinação poética. (COUTO, 2008, p. 57)

Neste contexto, um dos grandes desafios do ensino de Arte na contemporaneidade é tornar-se uma disciplina reconhecida por alunos e professores dos outros componentes curriculares, já que a mesma recebe, ainda, o estigma de auxiliar de outras disciplinas tidas como nobres¹⁸. Pode-se perceber tal realidade ao confrontar a trajetória do ensino de Arte no Brasil nas escolas, ou mesmo, nos depararmos com situações em que o arte/educador que não se preocupa em ofertar conteúdos e

¹⁷ Dulce Helena Couto estudou Artes plásticas e Pedagogia, especializando-se em Arte Contemporânea e Arte-terapia. Desenvolve também na cidade de Belo Horizonte, onde reside atualmente, projetos de caráter cultural e social para escolas, universidades e entidades governamentais e privadas. Disponível em <http://www.grupoliterarte.com.br/Associados.aspx?id=148>

¹⁸ Disciplinas tidas como nobres no sentido de conteúdos serem mais valorizados no currículo escolar do educando como o Português e a Matemática.

experiências artísticas de qualidade, e ministrando conteúdos artísticos como objetivos de decoração ou passa tempo, sem nenhuma reflexão a respeito dos processos levados em consideração. Tal afirmativa se consolida através das reflexões de Tamiris Vaz¹⁹, em seu artigo *Reinventando lugares, pessoas e a educação a partir da arte em espaços cotidianos*²⁰, onde VAZ (2011) ao fazer uma análise do espaço educacional afirma:

Na prática educacional, ainda é comum observar professores que utilizam as aulas de arte somente para produções práticas, do fazer sem a necessidade de refletir sobre a própria produção, apresentando aos estudantes o conceito da arte como embelezamento ou recreação, algo feito para distraí-los das constantes e obrigatórias aulas teóricas, ou, partindo para outro extremo, há os que preferem impor seriedade à disciplina, exigindo dos alunos conhecimento de história da arte, e, do mesmo modo que no exemplo anterior, impondo o não pensar, o aceitar e memorizar verdades ditas, absolutas". (VAZ, 2011, p.4)

Nesse particular, o arte/educador que questiona as verdades absolutas, ou seja, que percebe que o conhecimento não é algo engessado ou mesmo algo validado como a opção única a ser seguida, o direciona a empreender uma construção de saberes e significados que o permita perceber que o conhecimento é algo passível de reestruturação e resignificação.

Confrontar a postura do educador no âmbito escolar é considerar hipóteses no sentido de que como podemos estimular o nosso aluno a empreender uma atitude artística, produtiva, em sua relação com o mundo lá fora?

Um exemplo disso nos é fornecido quando refletimos a respeito das práticas da Oficina de Intervenção Artística do PEI, na ocasião desta pesquisa os procedimentos técnicos/conceituais da Modelagem e Escultura de fita adesiva. Pelo exposto, perceber a necessidade da Arte cruzar as fronteiras institucionais rumo ao espaço urbano, no sentido de democratizar a arte e o seus conceitos, em um contexto escolar, se justificam devido ao fato de perceber as implicações e reflexões envolvidas na investigação e produção de arte para o contexto urbano.

¹⁹ Tamiris Vaz é Doutoranda em Arte e Cultura Visual (2014 - atual), pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Mestre em Educação (2013), pela Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM) Linha de Pesquisa Educação e Artes.

²⁰ Artigo disponível em: Revista digital do laboratório de Artes Visuais – Centro de Educação-universidade Federal de Santa Maria, Brasil.

Perceber a potência envolvida nos procedimentos de construção (elementos estruturadores das Artes Visuais), pesquisa, *site Specific Art* e reflexão prática/conceitual, procedimentos estes, inseridos no discurso que norteia as esculturas de fita adesiva, se legitimam como uma possibilidade concreta de se pensar a relação da Arte e Arte de Rua.

Então, nota-se neste particular, que o arte/educador que busque se apropriar das manifestações da Arte Urbana, têm a oportunidade de trabalhar com conceitos que são amplamente trabalhados na Arte Contemporânea da ordem das relações de ocupação, de questionamentos, visibilidade da obra de arte, da transfiguração do espaço, das relações entre artista/obra/lugar/espectador, dentre outras possibilidades de relações, pois como na Arte Contemporânea, a Arte Urbana é um território em permanente transformação.

A propósito destas afirmações, parece importante resgatar os preceitos que norteiam o ensino de arte. Para tanto, podemos constatar tais princípios através da Dr.^a Lúcia Gouvêa Pimentel em textos desenvolvidos para o material didático para CEEAV-TC à distância, (Vol. 1 – *Metodologias do Ensino de Artes Visuais*); neste estudo podemos perceber que:

Saber como a arte é concebida e ensinada na escola, como se expressa em cada cultura e que significado tem para um indivíduo e para a sociedade é importante para que possam ser planejadas as ações necessárias para o seu ensino/aprendizagem, A produção artística, sua análise e fruição requerem uma constante especulação. Assim, o estudo-ação está sempre presente na arte, em sua análise, fruição ou produção. (PIMENTEL, 2009, p.26)

Seguindo esta linha de pensamento, percebemos condições que dinamizem a inserção e correlação dos conteúdos ministrados nas aulas de Artes, traçando assim, um paralelo entre ensino/aprendizagem/pesquisa, e conseqüentemente, estruturando argumentos a fim de permitir a elaboração de novos meios de se abordar criticamente o papel e a função da arte tanto no ambiente educacional quanto a sua compreensão estética.

É inegável, porém, e se faz necessário mencionar que neste contexto há profissionais que se prendem a modelos e teorias educacionais enxergando-as como uma “receita de bolo”, e que a partir dela tudo se encaminhará. Sob tal

enfoque, Ana Mae Barbosa em seu livro *John Dewey e o Ensino da Arte no Brasil* (2008), comenta sobre tal prática ao mencionar que:

Os arte-educadores têm estado mais preocupados em importar e decodificar modelos estrangeiros do que em analisar as condições propícias à aprendizagem e em se assenhorear da herança cultural da nação, para embasar seu ensino, e torná-lo instrumento de reflexão crítica, extensão e aprofundamento do universo cognitivo, afetivo e social de seus alunos. (BARBOSA, 2008, p.171).

Então, nota-se que a aprendizagem não pode estar desvinculada da experiência cultural dos sujeitos. Ao se apoderar da diversidade cultural dos sujeitos envolvidos no processo educativo, se constrói elementos favoráveis para se pensar os espaços educacionais, de se pensar estratégias que potencializem a metodologia educacional. Neste sentido, cria-se a oportunidade de se pensar os espaços extraescolares como potências educativas, onde os saberes presentes no contexto cultural dos alunos, das possibilidades culturais do entorno da escola, possam ser apropriados e inseridos como discussão consciente, proporcionando uma aquisição de saberes de forma significativa.

Neste viés, se faz oportuno analisar as contribuições da Intervenção Artística/Urbana, em particular, os procedimentos técnicos e conceituais envolvidos na construção de Esculturas de Fita Adesiva como elemento estruturador para se pensar o ensino de artes visuais.

3.2 – Pensando o Ensino de Arte para além dos espaços escolares.

A ocupação dos espaços da cidade por artistas através de poéticas urbanas pode ser vista como facilitadora da aproximação da obra com um público que não está ali no intuito de encontrar uma fruição artística, um público que se depara com uma suspensão dentro da própria rotina, encontrando possibilidades de percepções de si nesses espaços, convertendo locais de trânsito em lugares de experiências. (VAZ, 2011, p.2)

Qual a relação entre espaço urbano, Arte e Ensino de Arte?

A estrutura urbana pode ser a base de uma análise ou o fundamento para se estruturar um planejamento pedagógico em Artes, o qual se direcione para a realização de intervenções urbanas?

Qual o papel do espaço público no tecido urbano, no seu estudo? Nas práticas de instituições educativas e intervenções?

Estes questionamentos se conglomeram e se estruturam como ponto de partida objetivando traçar uma linha de raciocínio que busque evidenciar e responder tais questões.

Ao longo do estudo de caso apresentado no capítulo 02, vimos às possibilidades educativas suscitadas a partir dos procedimentos técnicos/conceituais da Escultura de Fita Adesiva, além de se pensar nas possibilidades implicadas nas relações entre a arte de rua e o contexto sociocultural dos educandos. Neste particular, podemos perceber que a aprendizagem não deve estar desvinculada da experiência cultural dos sujeitos.

Assim sendo, podemos perceber através das Proposições Curriculares do Ensino Fundamental da disciplina de Artes da SMED/ RME²¹ da cidade de Belo Horizonte que:

O estudo dessas nuances e diferenciações nas formas e contextos da expressividade proporcionará uma ampla gama de possibilidades transdisciplinares. Assim sendo, não há como insistir na ideia de que Arte é somente um campo facilitador para outras disciplinas. Arte é um campo de estudos específicos, que pode interagir com outros conhecimentos à medida que os estudos são realizados de forma a eleger temáticas específicas e afins, sem que haja a hierarquização de conhecimentos disciplinares. (PROPOSIÇÕES CURRICULARES RME-BH, 2012, p. 8).

Ao pensar a arte para além dos espaços escolares, se faz necessário que o professor se posicione como um mediador de atividades²² utilizando-se de um dinamismo diferenciado em que a própria disposição dos alunos no ambiente de aprendizagem, que não precisa ser necessariamente a sala de aula, construa condições que evidenciem e potencializem a apreensão de conhecimentos artísticos dos alunos.

De acordo ainda com as Proposições Curriculares do Ensino Fundamental da disciplina de Artes da SMED, percebemos que:

²¹ SMED/ RME - Secretaria Municipal de Educação da Rede Municipal de Ensino, em Belo Horizonte.

²² Mediador de atividades, no sentido do educador ser um provocador de reflexões e questionamentos a respeito do conhecimento artístico.

Os processos didáticos que podem proporcionar o acesso a informações, e sua transformação em conhecimento, sempre dependerão do conjunto de conhecimento disciplinar e da metodologia selecionados para estudo, e da experiência do educador com o conhecimento disciplinar e da metodologia selecionados para estudo, e da experiência do educador com o conhecimento de tal conjunto. [...]

Os campos das expressões artísticas nem sempre apresentam limites fixos. [...] para efeito de estudo, entretanto, é necessário que se identifique o cerne de cada uma das expressões artísticas que se comportam como eixos em seu campo mais focal, deixando claro que as bordas são fluidas, penetrantes e permeáveis. (PROPOSIÇÕES CURRICULARES RME-BH, 2012, p. 7).

Podemos perceber em SIMSON (2001), “O termo educação abrange um universo que extrapola os muros da escola, instituição com papel central na formação dos estudantes que por ela passam, [...]” (SIMSON, 2001, p. 09).

Pensar a Arte/Educação para além dos espaços escolares com o foco para a relação entre a Intervenção Artística/Urbana (Escultura de fita Adesiva) e Ensino de Arte se faz necessário, pois:

As crianças deveriam aprender a pesquisar, a ter confiança em si mesma e a ter coragem de se pôr a trabalhar em coisas novas. [...]

... o estar num espaço desafiador; a disponibilidade para o corpo se movimentar livremente; a decisão pessoal da criança de onde ficar na sala; a escolha de materiais pela criança; a oportunidade de experimentar; o controle de tempo; a conversa; o bate-papo; a liberdade da criança para ser ela mesma. [...]

O processo de trabalhar com imagens promove uma auto-realização que nem sempre pode ser detectada no produto final. A execução em si é a parte mais forte do trabalho. [...] O que ocorre durante a experiência estética é mais amplo. A compreensão se dá por meio dos sentidos, ampliando a consciência. (HOLM, 2005, p. 9)

A Intervenção Artística/Urbana possui elementos que corroboram para o enriquecimento e aproximação das linguagens das Artes Visuais com a realidade e contexto sociocultural dos educandos. Tais constatações se justificam pelo fato da obra de arte no espaço urbano possuir elementos que buscam discutir e refletir o espaço habitável e relacional como um ambiente produtor de fenômenos comunicacionais que permitem discutir as inter-relações entre as propostas artísticas urbanas com os conteúdos formais e conceituais das Artes Visuais.

Assim, vê-se a necessidade do professor se posicionar como um mediador entre o aluno e o conhecimento em arte, um provocador de reflexões e questionamentos.

De acordo com a educadora Anna Marie Holm ao perceber a relação e produção de seus alunos com os tipos de obras de arte que ocupam o espaço, HOLM (2005) afirma:

As crianças já nascem criando instalações. Elas têm um talento natural para construir – juntar – dar substância e inventar histórias. Observar – equilíbrio e desequilíbrio – experimentar as possibilidades dos materiais. Criar ambientes – ambientes próprios – jamais vistos anteriormente. Descobrir. O processo de construção é o mais comum para elas, isto é, se elas tiverem a oportunidade. [...] A ideia de as crianças terem um talento natural para criar instalações surgiu na Oficina de Arte quando algumas delas, ao encontrarem coisas diversas e arrastá-las para seu lugar, começaram a construir, instalar, criar ambientes e aconchegar. A ideia delas era que, após a construção, brincariam dentro da “instalação”. Muito frequentemente, acabam não o fazendo, porque é o processo em si, de criar o “lugar”, que mais importa para elas. (HOLM, 2005, p. 11)

Compreende-se assim, o quanto cada um desses espaços e o quanto as experiências envolvidas nos percursos que o corpo faz pelo espaço, podem contribuir para a incorporação de um gesto afetivo²³, ainda mais no que se concerne nos procedimentos envolvidos nas Esculturas de Fita Adesiva e o conceito de intervenção Artística/Urbana.

3.3 – Diálogos com o Espaço: O Espaço urbano como fomentador de experiências na Arte/Educação.

Em princípio, avaliar as manifestações da arte urbana de modo a enaltecer sua importância e relevância, e não se restringir compreendendo-a como uma questão de modismo na prática pedagógica do arte/educador.

Ressaltar as tendências e manifestações artísticas contemporâneas da Arte Urbana, na ocasião desta pesquisa, a Escultura de fita adesiva ponderada como metodologia adotada para se pensar a o processo de ensino e aprendizagem. Neste contexto, se faz necessário considerar as implicações da Escultura de Fita adesiva na formação cultural dos alunos, como potencia educativa explorada no ensino das Artes Visuais.

Ao transitar pelo contexto urbano cada corpo que nele penetra promove uma série de modificações. O existir se configura em ações que promovem a (re) construção da

²³ Gesto afetivo no sentido que o educando seja incentivado a construir relações de pertencimento e apropriação dos espaços que o norteia.

paisagem urbana e que trazem consigo uma série de desdobramentos e reflexões que vão além da modificação do espaço urbano. Tais transformações físicas, sociais e emocionais se instauram no corpo, se manifestando nos habitantes como saberes e conexões que os vinculam às fenomenologias cotidianas.

De acordo com VAZ (2011):

A arte reinventa o espaço urbano porque ela própria é constituída deste cotidiano onde é produzida, podendo assim, direcionar olhares e pensamentos não simplesmente para a obra, mas para os sujeitos que se reconhecem a partir da obra proposta.

Fazer do espaço cotidiano matéria e local para produções, proporciona ao educando experiências que exigem dele uma familiaridade com o espaço e com os interesses do público para o qual produz. Neste contexto, ele deixa de conhecer somente obras de arte, e passa a conhecer a si e ao seu próprio espaço. (VAZ, 2011, p.12).

Outro fator importante se relaciona ao pensarmos o ensino de artes visuais de maneira a proporcionar ao educando mecanismos que o permitam relacionar a realidade escolar aos aspectos culturais de sua vivência e contexto social em que está inserido. Através de COUTO (2008), podemos perceber:

[...] No ambiente escolar as oportunidades devem ser intencionais e sequenciais, organizadas a partir de um itinerário formativo no qual os alunos tenham possibilidades de desenvolver sua própria expressividade. Neste sentido eles não apenas produzem arte, mas também apreciam e conhecem manifestações artísticas referentes a distintos movimentos ao longo da história da arte. As oportunidades devem contemplar também aspectos relativos à cultura local, bem como as relações de cada um com sua cultura e de como esta se manifesta na territorialidade, considerando os elementos sociais, econômicos, religiosos e geográficos. (COUTO, 2008, p. 55).

Ao se posicionar como um mediador de experiências entre o aluno e o conhecimento em arte, é necessário que o arte/educador tenha conhecimento aprofundado das propostas que pretende abordar, além de estar preparado a questionamentos e situações polêmicas relacionadas ao assunto que estiver abordando. Tal experiência pode ser percebida através de MATOSINHOS (2011), ao discutir com Negro F.²⁴ as relações de conflito na sala de aula. Podemos perceber neste diálogo que:

²⁴ Frederico Eustáquio Maciel (Fred Negro F.) – É empreendedor social, grafiteiro, arte-educador, graduado como tecnólogo em Design Gráfico pela UNATEC e com Especialização em “Negócios Sociais para Redução das Desigualdades” pela Fundação Dom Cabral. Disponível em: <http://negrof.blogspot.com.br/p/perfil.html> - Acesso em: 02/11/2015 - 11:36.

Trazer referências culturais diversas para o contexto da sala de aula é abrir espaço para que determinados conflitos venham à tona. Em algumas situações, certas produções culturais apresentadas durante um dado processo pedagógico ou determinadas propostas didáticas trazidas pelos educadores podem se chocar com as convicções mais íntimas de certos educandos, gerando impasses.

Para Negro F, as situações de conflito podem ser ricas para que os educandos sejam levados a refletir sobre o fato de que os educandos sejam levados a refletir sobre o fato de que seus próprios padrões de conduta são construções culturais. “Em algumas situações em que existem impasses, e alguém diz, ‘eu não posso fazer isso, porque sou de tal religião ou porque sou atleticano’, aproveito para que o grupo pense sobre os padrões de sociedade que existem e que são criações culturais. O bacana disso é que essas situações levam as pessoas a refletir sobre as regras que lhes são impostas. A sociedade quer colocar a gente nuns quadrados, mas como educadores, devemos mostrar aos jovens que eles podem assumir diferentes formas que ultrapassam esses quadrados”.

[...] situações em que conflitos de valores vêm à tona podem ser importantes para que os educandos reflitam sobre o tema e, eventualmente, reelaborem suas próprias posturas, mesmo que isso ocorra apenas no futuro. [...] é importante que os educandos lancem “coceirinhas” que acompanhem os educandos ao longo da vida. (MATOSINHOS, 2011, p. 97).

Tais questionamentos são pertinentes, pois se relacionam a algumas situações vivenciadas nos processos de desenvolvimento e construção das esculturas de fita como forma de apropriação da estética de Intervenção Artística/Urbana em propostas educativas.

Neste sentido, o processo de pesquisa e experimentação artística no campo da Escultura e Modelagem com fitas adesivas, utilizando-se da técnica elaborada por Mark Jenkins, pode ser compreendida e percebida em toda sua potencialidade, no qual o cognitivo, o sensível, o perceptível e o reflexivo atuam e interagem no processo de ensino aprendizagem. Dessa forma, o Arte/educador cria possibilidades de desenvolvimento crítico e consciente em seus educandos.

É importante compreender que o conceito de arte se modifica ao longo do tempo e que fazer arte não é cumprir com um manual de instruções, e sim algo que exige do aluno uma percepção e compreensão da obra através dos sentidos, do intelecto e da emoção.

Neste contexto, como podemos perceber na obra de DEWEY (2010), quando este menciona suas reflexões no campo da experiência. Para Dewey a experiência é uma característica irreduzível da vida, uma transação consciente entre o EU e o MUNDO, sendo que a mais intensa é a experiência com a arte. Dewey afirma: “A experiência

ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver. [...]”. (DEWEY, 2010, p. 109).

Outro aspecto significativo se pauta quando Dewey estrutura seu raciocínio no campo artístico ao comentar: “[...] A arte é a prova viva e concreta de que o homem é capaz de restabelecer, conscientemente e, portanto, no plano do significado, a união entre sentido, necessidade, impulso e ação que é característica do ser vivo. [...]” (DEWEY, 2010, p. 93).

É oportuno ressaltar que, para Dewey, a experiência é uma questão de interação do organismo com o seu meio que é tanto humano quanto físico. Neste processo, o “EU tanto age quanto é submetido ao que vem de fora”, sendo que as impressões externas a que fica sujeito dependem da forma como o organismo reage e responde. Dewey descreve este processo como: “[...] Vivenciar a experiência, como respirar, é um ritmo de absorções e expulsões. Sua sucessão é pontuada e transformada em um ritmo pela existência de intervalos, períodos em que uma fase é cessada e uma outra é inicial e preparatória.[...]” (DEWEY, 2010, p.139).

Ainda convém resgatar, que o processo de trabalhar com a técnica desenvolvida por Jenkins, e as propostas artísticas do PORO, surge como um caminho ou ponto de partida para se pensar a experiência estética a partir da apreciação da Arte Urbana, que por consequência, direciona a uma reflexão e apropriação dos procedimentos técnicos/conceituais pelo Ensino de Artes Visuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na ocasião desta pesquisa, compreender a relação da obra de arte com o espaço urbano permitiu construir significados em uma experiência educativa vivenciada há mais de três anos, mas que sob uma ótica atual, se legitimou como uma possibilidade educativa interessante que merecia ser documentada.

Tal experiência me fez refletir que as propostas discutidas com os alunos e educadores (Monitores e Agentes Culturais) que participaram das Oficinas de Intervenção Artística/ Urbana puderam construir significados relevantes, significados estes, que na ocasião das ações deixavam uma sensação de ser uma manifestação direcionada apenas aos procedimentos técnicos/conceituais, mas que sob o olhar do contexto atual, distanciado das experiências vividas e relatadas, pude perceber que há mais possibilidades de significados a serem explorados.

Como possibilidade educativa, inserir a Arte Urbana no âmbito escolar significa uma oportunidade de se discutir um processo que está em constante construção, promovendo reflexões e questionamentos, pois trata-se de lidar com conceitos organizados no campo das incertezas, estar atento à aquilo que ainda está em elaboração, que está em processo contínuo de construção e mutação.

Atuando principalmente com Intervenções Urbanas, Mark Jenkins utiliza a rua como “um palco” para as suas obras, uma vez que a instalação quase sempre acaba convertendo-se em uma performance, com a interação, muitas vezes assustadas, dos transeuntes. Como proposta de se ocupar poeticamente um lugar, e de perceber que as ações efêmeras ao serem registradas, criam uma ação prolongada que orientam os discursos reflexivos e questionam a forma que nos relacionamos com a cidade, ações estas, como as propostas do PORO, se legitimam como uma possível abordagem educativa a ser levada em consideração.

A técnica de produção de Esculturas de Fita Adesiva propiciou reflexões e entendimentos sobre a produção artística e a sua inserção no espaço urbano, e neste particular, construiu experiências de interação e reflexão das relações entre HOMEM (Corpo) e ESPAÇO URBANO, potencializando e estimulando a construção de novos saberes. Neste viés, a técnica da escultura e modelagem com fita adesiva

permitiu o desenvolvimento de peças a partir de alguns procedimentos técnicos e com uma abordagem que se direcionou para questões relacionadas ao corpo.

Utilizando o próprio corpo como modelo e molde, os educandos criaram moldes que foram retrabalhados e dispostos nos espaços externos, construindo assim um diálogo artístico/poético nos ambientes e construindo uma relação de pertencimento nas áreas ocupadas. Neste sentido, sob a orientação do educador (o propositor das reflexões desta pesquisa), proporcionou aos educandos subsídios que permitiram trabalhar os procedimentos técnicos/ conceituais do artista Mark Jenkins e das reflexões poéticas e efêmeras do Grupo PORO.

É neste contexto, que acredito na relevância da obra destes artistas, pois são práticas que se relacionam, e ao mesmo tempo, justifica o processo de ensino da Escultura de Fita Adesiva no ambiente escolar, pois os procedimentos envolvidos na ação de construção, modelagem e questionamentos, permitem não só a apreensão de conhecimentos técnicos e conceituais dentro da sala de aula, mas também, fora dos muros da escola. Como proposta criativa, os moldes estimularam a produção artística e a interação dos alunos com o espaço público, no conceito de intervenção urbana/*Site Specific Art*. A técnica da escultura e da modelagem com fita adesiva transparente permite o desenvolvimento de peças a partir de alguns procedimentos técnicos, de se pensar em uma produção artística efêmera, além de criar situações que busquem questionar o espaço.

A experiência relatada evidenciou que o ensino de arte, dentro de uma concepção de arte urbana, desestruturou as práticas artísticas tradicionais da escola, provocando rupturas, estranhamentos e desconstruções. Buscou estabelecer relações diretas com a cidade, o que fomentou uma constante reflexão, algo que se fez essencial para uma construção significativa de uma experiência significativa em arte dos participantes envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem da experiência relatada nesta pesquisa.

Neste contexto, esta técnica se estrutura como uma possibilidade de criação contemporânea interessante e potente, pois proporciona reflexões e entendimentos sobre a produção artística no espaço urbano; além da experiência de permitir

interações e reflexões do conceito da representação do Corpo na Arte Urbana, na Intervenção Artística, potencializando e estimulando a construção de novos saberes.

A experiência apresentada nesta pesquisa traz apontamentos que sugerem que os educadores deveriam olhar com mais atenção os seus comportamentos transgressores, tentando descobrir quais são os saberes que eles, educandos ou arte/educadores, estão produzindo. Pelo exposto, não se restringindo e percebendo que o lugar onde o conhecimento artístico se manifesta, seja se apropriando de manifestações artísticas do contexto da História da Arte ou da Arte urbana, se apresentam como possibilidades concretas e potentes de ensino/aprendizagem.

Ao longo desta pesquisa, podemos perceber que no contexto escolar, o Arte/educador passa a assumir a função de pesquisador e curador através de uma atitude e uma prática comprometida com a arte e a cultura, ao selecionar os conteúdos e definir o recorte artístico a ser enfatizado no currículo escolar. Observa-se, assim, uma mudança significativa no papel do educador, como propositor de experiências sensíveis, ao mediar o acesso ao conhecimento no ambiente de ensino, numa perspectiva contemporânea que precisa ser exercida com muita responsabilidade. Também se pode perceber nesta pesquisa que além dos pensadores/artistas/educandos envolvidos na construção desta experiência relatada, que a intenção educativa do educador por si só, valida a presente possibilidade educativa apresentada neste estudo.

As manifestações da Arte Urbana na modalidade de Intervenções artísticas, Escultura de Fita Adesiva, fazem inegavelmente parte do arcabouço cultural e artístico da sociedade, pelo exposto, torna-se interessante se aprofundar esta linha de pesquisa em trabalhos futuros, pois as relações entre Ensino de Arte e Arte Urbana permitem outros desdobramentos possíveis de ações educativas.

Então, nota-se pelo exposto nesta pesquisa, que as instituições de ensino e Arte/educadores através do Ensino de Arte deverão ser para os seus educandos o veículo de acesso ao patrimônio cultural e artístico disposto no tecido urbano da sociedade. Por fim, conclui-se que, nós, Arte/educadores procuramos fazer o possível para que as aulas ministradas tenham conteúdo, fascínio e vontade, ato que se evidencia pela preocupação de se estruturar os conteúdos formais das Artes Visuais, na ocasião desta pesquisa a Arte Urbana/ Escultura de Fita Adesiva, objetivando promover uma experiência artística significativa aos nossos educandos.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. 5. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p.213 – p.348. PDF, Disponível em: <<http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/2011/11/Dicionario-de-Filosofia-Nicola-ABBAGNANO.pdf>>. – Último acesso em 16 de SET. 2015.

BARBOSA, Ana Mae. John Dewey e o ensino da arte no Brasil. 6. Ed. – São Paulo: Cortez, 2008. P. 169 – 172. – ISBN: 978-85-249-0790-6.

CAMPBELL, B. TERÇA-NADA!, M. (Orgs.). Intervalo, Respiro, Pequenos deslocamentos: Ações poéticas do Poro = Interval, Breathing, Small displacements: Poro's poetical actions. São Paulo: Radical Livros, 2011. 192. p. 161. E-book. – Disponível em: <http://poro.redezero.org/downloads/ebook_poro.pdf> - Último acesso em 30 de JUN. 2015.

CANTON, Katia. Espaço e Lugar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. 72p. [Coleção temas da arte contemporânea]. ISBN: 978-85-7827-227-2.

CARLSSON, Benke. Street art: técnicas e materiais para arte urbana: grafite, pôsteres, adusting, estêncil, jardinagem de guerrilha, mosaicos, adesivos, instalações, serigrafia, perler beads. 1. Ed. São Paulo: GG – Gustavo Gili, 2015. P. 108 – 143. [Título original: street art cookbook: a guide to techniques and materials.] ISBN: 978-85-65985-98-7.

COUTO, Dulce Helena. A voz das famílias e a escola: com a palavra as famílias. São Paulo: CENPEC: Fundação Itaú Social, Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Secretaria Municipal de Educação, 2008. P. 47- 57. [vários autores] – ISBN: 978-85-85786-72-4.

DEWEY, John. Arte como Experiência; org. Jo Ann Boydston; tradução Vera Ribeiro. – São Paulo: Martins Fontes, 2010. P. 109 – 212. [Coleção Todas as Artes].

HOLM, A. M. Fazer e pensar Arte - Det eksperimenterende Billedværksted. MAM – Museu de Arte Moderna de São Paulo. 2005. P. 9 – 11.

INTERVENÇÃO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Culturas Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2015. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo8882/intervencao>>. Último acesso em 30 de Nov. 2015. Verbete da Enciclopédia. – ISBN: 978-85-7979-060-7.

JENKINS, Mark. Don't call 911! The terrifying life-like sculptures bringing panic to the streets. Daily Mail Journal, 02 de Fevereiro de 2012. Periódico Eletrônico. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-2095360/Dont-911-The-disconcerting-sculptures-causing-panic-streets.html>> - Último acesso em 25 de OUT. 2015.

MATOSINHOS, L. M. Encontros de diálogo – Rio de Janeiro: Oi Futuro; Belo Horizonte: Associação Imagem Comunitária, 2011. P. 74 – 97 – ISBN 978-85-99247-23-5.

PARÂMETROS DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO ESTADO DE PERNAMBUCO, PEB – Pernambuco. Glossário. Verbetes: Cognição. s/d. p. 43. – PDF.

PARÂMETROS DA OFICINA DE INTERVENÇÃO ARTÍSTICA. Educomunicação e Arte. Programa Escola Integrada. Belo Horizonte. 2012 – Disponível em: <http://educomintegrada.wix.com/of-intervencao-artistica_2#!parâmetros-da-oficina>. Último acesso em: 25 de OUT. 2015.

PIMENTEL, L. G. Metodologias do ensino de artes visuais – 2 Método e metodologia. O ensino de artes visuais e o uso de métodos. A construção de metodologia. CEEAV - Curso de especialização em artes visuais. Belo Horizonte: UFMG, 2009, v. 1, p. 26. PDF.

PINHEIRO, Gabriela Vaz. Site specific Art In Arte dicionário crítico. Museu do Côa: Portugal. LISBOA: Fundação CÔA, 2015. Disponível em: <<http://www.artecoa.pt/index.php?Language=pt&Page=Saberes&SubPage=ComunicacaoELinguagemArte&Menu2=ArteVidaEMeio&Filtro=112&Slide=112>>. – Último acesso em 05 de JUL. 2015.

PORO, Apresentação. Intervenções urbanas e ações efêmeras. 2010. WordPress. Periódico eletrônico – Disponível em: <<http://poro.redezero.org/apresentacao>>. Último acesso em 22 de Set. 2015.

PROPOSIÇÕES CURRICULARES REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE BELO HORIZONTE (RME – BH). Belo Horizonte: RONA. Reimpressão. 2012. P. 7 – 8.

SCHILLER. S. M. Wooster Collective In CARLSSON, Benke. Street art: técnicas e materiais para arte urbana: grafite, pôsteres, adbusting, estêncil, jardinagem de guerrilha, mosaicos, adesivos, instalações, serigrafia, perler beads. 1. Ed. São Paulo: GG – Gustavo Gili, 2015. P. 9. . [Título original: street art cookbook: a guide to techniques and materials.] ISBN: 978-85-65985-98-7.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von, PARK, Margareth Brandini e FERNANDE3S, Renata Sieiro (Orgs.). Educação não-formal: cenários da criação. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp / Centro de Memória, 2001, p. 09. ISBN: 85-268-05555-X.

VAZ, Tamiris. Reinventando lugares, pessoas e a educação a partir da arte em espaços cotidianos. Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais (LAV). Centro de Educação- universidade Federal de Santa Maria, Brasil. Ano IV – Número 07 – Setembro de 2011. P. 13. Artigo disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/revislav/article/view/2844/2159>> - último acesso em 01 OUT. 2015.

IMAGENS

As imagens utilizadas neste trabalho são originadas a partir de acervo próprio e de registro fotográfico durante o processo de Acompanhamento da Oficina de Intervenção Artística do PEI/ BH (das oficinas de Escultura e Modelagem de Fita Adesiva). Fez-se necessário a utilização de imagens extraídas de sites da internet, cujas referências se encontram na descrição da imagem, e tendo o seu uso exclusivo para compor a presente pesquisa.

ANEXOS

Este CD contém imagens, em caráter processual, que contribuíram para a viabilidade desta pesquisa. Estes registros apresentam-se em formato digital, pois não puderam ser incluídas no corpo do texto, o que corria o risco de tornar os capítulos mais extensos e certamente ultrapassaria o formato pré-estabelecido.

As imagens são pertinentes pela possibilidade de se demonstrar o contexto da oficina de Intervenção Artística do PEI, na Escola Municipal Nossa Senhora do Amparo, oficina esta, ministrada pelo Monitor Raniel Felipe Marcelino Bento e o autor da presente pesquisa. Tais imagens apontam os procedimentos técnicos e conceituais entorno da técnica de esculturas de fita adesiva, neste sentido revelando a possibilidade educativa que deu início a esta investigação. Esta mídia também contém o relato de um dos alunos comentando o processo de construção da escultura.



As imagens apresentadas nesta pesquisa limitam-se para o uso exclusivo da mesma, não sendo permitida sua vinculação em outras ocasiões sem a devida autorização do autor.



O III Seminário Internacional “Teias de Cidadania” foi um sucesso!

Postado em 14 de agosto de 2012 & arquivado em Notícias, Teias de Cidadania.

Após 4 dias de palestras e oficinas, diferentes apresentações culturais, professores, educadores, pesquisadores do Brasil e América Latina e com a participação de aproximadamente 1000 pessoas inscritas, o Seminário Internacional “Teias de Cidadania” encerra sua 3ª edição.

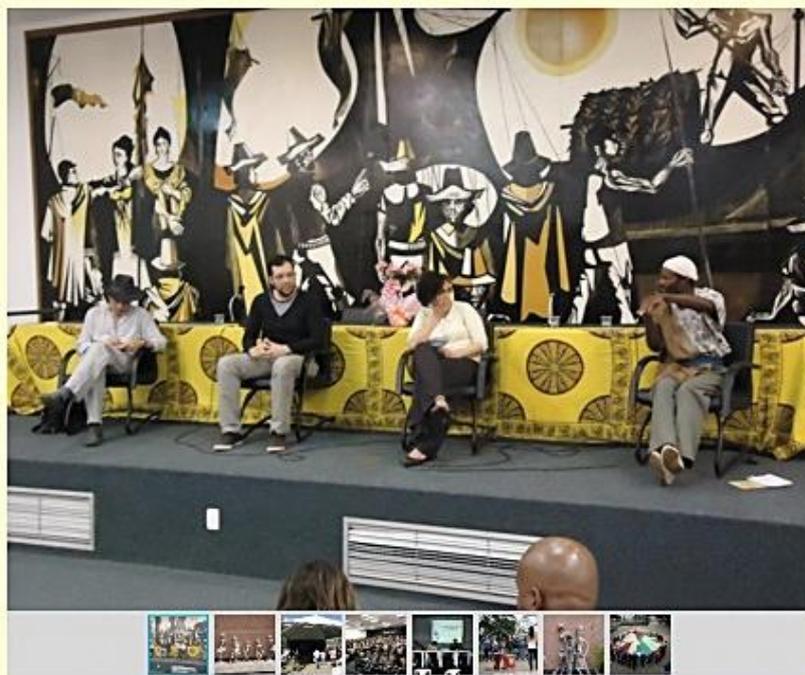
O evento que aconteceu entre os dias 31 de julho e 3 de agosto, teve seus dois últimos dias permeados por mais mesas de diálogo e rodas de conversas com discussões sobre educação e oficinas com os mais variados temas, oferecidas em espaços da Universidade Federal de Minas Gerais e também em praças de Belo Horizonte.

Na quinta-feira, dia 2, os inscritos participaram das oficinas oferecidas pelo Seminário. De fotografia, com Jorge Quintão, do Imaginário Coletivo à técnicas de esculturas de fita adesiva e também jornal e de oficinas de brincadeiras à percussão, os participantes ocuparam as praças Floriano Peixoto, no bairro Santa Efigênia, Praça Duque de Caxias, no bairro Santa Tereza, Praça da Igrejinha da Pampulha, no bairro Pampulha e espaços da UFMG, como a Praça de Serviços.

O dia 3 começou com a apresentação do Seu Ribeiro. Depois do show, os inscritos puderam participar das Rodas de Conversas, com temas que abordavam a educação integral em paralelo a outros temas como “a presença de novos educadores”, “saberes da experiência” e “redes locais”. Continuando o último dia, a Companhia Primitiva de Dança apresentou-se no auditório Neidson Rodrigues dando início às atividades do turno da tarde. Após a apresentação, todos seguiram para as Mesas de Diálogos.

E para fechar o evento, os participantes assistiram ao show da cantora de samba, Dóris, daqui de Belo Horizonte.

Confiram algumas fotos:



Notícias recentes

- > Alunos ocupam mais de 60 escolas estaduais em SP contra o fechamento delas pelo governo estadual.
- > SEMINÁRIO: “10 ANOS DA ESCOLA INTEGRADA: AVALIAÇÃO E DESAFIOS”
- > 7ª Conferência do Seminário Anual “Das Escolas normais à pós graduação: 180 anos de formação de professores no Brasil”
- > Pesquisa publicada pela Fundação Itaú Social abre um debate sobre a relação do Mais Educação, do MEC, com o desempenho escolar.
- > Livros infantis para ensinar a importância dos direitos humanos às crianças

Categorias

- > Educação Integral GV
- > Educação Integral UAB
- > Escola e Cidade
- > Fórum de Educação Integral
- > Institucional
- > Notícias
- > OBEDUC
- > Outros
- > PEI
- > Percursos
- > Pesquisa
- > Produção
- > Sem categoria
- > Teias de Cidadania

Tags

- AULA PRESENCIAL
- BOLETIM
- CURSO
- EDITAL
- EDUCAÇÃO
- EDUCAÇÃO DE TEMPO INTEGRAL
- EDUCAÇÃO INTEGRAL
- ENCONTRO PRESENCIAL
- ESCOLA E CIDADE
- FOTOS
- INSCRIÇÕES
- IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
- PEI
- PERCURSOS
- PESQUISA
- SELEÇÃO DE TUTORIAS
- SEMINÁRIO
- TEIA
- TEIAS DE CIDADANIA
- UAB

Curtir **Compartilhar** Seja o primeiro de seus amigos a curtir isso.

Tags: **FOTOS** **TEIAS DE CIDADANIA**



**III Seminário Internacional
Teias de Cidadania**
*a cultura popular tece caminhos
para a educação integral*

de 31/07 a 3/08

OFICINA DE ESCULTURA E MODELAGEM COM FITA ADESIVA

 **TEIA**
Territórios, Educação Integral e Cidadania

Fábio Souza

Facebook post interface showing a photo of a sculpture and a text overlay.

URL: <https://www.facebook.com/ufmgbr/photos/a.416043648431306.81858.154631594572514/416044931764511/?type=3&theater>

Programação III Seminário Teias de Cidadania
30 de agosto de 2012

TEIA - Territórios, Educação Integral e Cidadania



Universidade Federal de Minas Gerais
Página curtida · 2 de agosto de 2012 ·

Oficina de "Escultura e modelagem em fita adesiva", coordenada por Fábio Souza, agente cultura da Secretaria de educação de Belo Horizonte. Propõe entender o lugar do corpo na construção artística através do trabalho coletivo, da interação em grupo. Trata-se da montagem de um sujeito com fragmentos de vários outros, para possibilitar a todos a experiência de participação no processo. Nesse trabalho o corpo é a modelagem e a fita adesiva é a ferramenta que materializa o corpo. A oficina é baseada no trabalho do artista americano Mark Jenkins.

Curtir · Comentar · Compartilhar

2 pessoas curtiram isso.

Escreva um comentário...

Universidade Federal de Minas Gerais · 2012 ao atual · III Seminário Internacional Teias de Cidadania · Belo Horizonte · Guimarães · 2 de agosto de 2012 ·

Do 31 de julho a 3 de agosto, o III Seminário Internacional Teias de Cidadania tem como tema a cultura popular e conta com uma intensa programação no campus Pa...

Ver mais

Pesquisar na Web e no Windows

Windows taskbar: e, Internet Explorer, Google Chrome, YouTube, VLC, File Explorer, Task Manager, Network, Volume, Network, POR PTB2, 00:05 25/11/2015